**UNIVERSIDADE TÉCNOLOGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM NARRATIVAS VISUAIS**

**FERNANDA DE SOUZA ROSA**

# COMO AS NARRATIVAS VISUAIS DO *INSTAGRAM* INFLUENCIAM NA CONSTRUÇÃO DO MITO DA BELEZA: O CORPO UNIVERSAL

**MONOGRAFIA APRESENTADA COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM NARRATIVAS VISUAIS**

**CURITIBA**

**2018**

**FERNANDA DE SOUZA ROSA**

# COMO AS NARRATIVAS VISUAIS DO *INSTAGRAM* INFLUENCIAM NA CONSTRUÇÃO DO MITO DA BELEZA: O CORPO UNIVERSAL

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais, do Departamento de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Profa. Dra. Daniela Isabel Kuhn

**CURITIBA**

**2018**

Ministério da Educação
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**
Câmpus Curitiba
Departamento Acadêmico de Desenho Industrial
Curso de Especialização em Narrativas Visuais

# TERMO DE APROVAÇÃO

COMO AS NARRATIVAS VISUAIS DO INSTAGRAM INFLUENCIAM NA CONSTRUÇÃO DO MITO BELEZA: O CORPO UNIVERSAL
por

FERNANDA DE SOUZA ROSA

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (TCCE) foi apresentado em 27 de junho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

_____
Daniela Isabel Kuhn, Dra.
Orientadora

_____
Ismael Scheffler, Dr.
Membro titular

_____
Anuschka Reichmann Lemos, Dra.
Membro titular

– O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso –

# AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha orientadora Profa. Dra. Daniela Isabel Kuhn que mesmo de ultima hora aceitou orientar o presente trabalho e desde o principio me desafiou, me incentivou a não desistir e aprofundar minhas pesquisas, direcionando com muita sabedoria e empatia o tema apresentado.

Agradecer também a minha grande amiga e incentivadora Elisa Maranho, além de ser minha professora na vida se fez presente quando precisei de auxilio para continuar o presente trabalho. As minhas amigas Maria Verdasca e Maria Virgínia Gapski pelo apoio e a amizade construída ao longo do curso e que se tornaram amigas para a vida. Agradecer também a Laís Penteado pela paciência e ajuda sempre constantes desde o momento inicial dessa pesquisa. Minha gratidão imensa as meninas que dispuseram parte do seu tempo aceitando participar desse trabalho trazendo suas opiniões e experiências de vida, sem elas essa pesquisa não poderia ter sido realizada.

Aos meus familiares por sempre me apoiarem e acreditarem em mim mesmo nos momentos mais difíceis, principalmente minha mãe que leu e releu a pesquisa com toda a disposição existente para me ajudar. Por último agradecer aos meus companheiros de trabalho que foram extremamente compreensíveis e me deixaram livres para utilizar meu tempo máximo restante nessa pesquisa.

## RESUMO

ROSA, Fernanda de Souza. **Como as narrativas visuais do Instagram influenciam na construção do mito beleza: o corpo universal**. Monografia (Especialização em Narrativas Visuais) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

A presente pesquisa apresenta um projeto que utiliza os conceitos apresentados por Naomi Wolf em seu livro *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, ultilizando suas premissas para análise de imagens na rede social Instagram e como esses influenciam na crença de um corpo ideal dentro dos padrões de beleza impostos sobre a mulher contemporânea.



**Palavras-chave**: corpo. Imagem. Iconofagia. Mito da beleza. Instagram. Narrativas visuais.

## ABSTRACT

ROSA, Fernanda de Souza. **How the Instagram's visual narratives influence the construction of the beauty myth: the universal body**. Monograph (Specialization in Visual Narratives) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

This research presents a project that uses the concepts presented by Naomi Wolf in her book *The Beauty Myth: how beauty images are used against women*, using their premises for image analysis in the Instagram social media and how these influence the belief of an ideal body within the standards of beauty imposed on contemporary women.



**Keywords**: body. Image. Iconofagia. Beauty myth. Instagram. Visual Narratives.

**SUMÁRIO**

1. INTRODUÇÃO ..... 7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA ..... 7
3. METODOLOGIA ..... 11
4. ANÁLISE ..... 16
4.1 Aparência x Valor ..... 16
4.2 Mente x corpo ..... 18
4.3 Mercado da beleza ..... 19
4.4 Corpo negado: uma questão de pertencimento ..... 20
4.5 O corpo/imagem: ..... 23
4.6 As narrativas visuais que o Instagram constrói: ..... 25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 29
**6. ANEXO A** – Aúdios transcritos do grupo focal ..... 32
**7. ANEXO B** – Imagens apresentadas no grupo focal ..... 64

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou investigar questões a cerca dos padrões de beleza impostos as mulheres na sociedade contemporânea. Através de leituras relacionadas ao tema e a imagem, e tendo como referência o livro *O Mito da Beleza* de Naomi Wolf, almejou-se entender as narrativas visuais que são criadas por fotos de meninas, que atendem a um determinado padrão de beleza, na rede social Instagram[1]. Através do método de grupo focal a pesquisadora analisou fala de mulheres de 20 a 35 anos na região de Curitiba, com a finalidade de conferir ou não as hipóteses propostas pelo texto de Wolf.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Colocada por Wolf, "a donzela de ferro" que existe em nós é uma analogia da construção da imagem e de como o corpo feminino se apresenta diante das mulheres. Segundo a autora "a donzela de ferro" era um instrumento de tortura medieval em que um corpo de uma donzela era pintando dentro de uma espécie de caixão cheio de pontas afiadas, nele quando a moça era trancafiada e "a vítima ficava imobilizada e morria de inanição ou, de modo menos cruel, morria perfurada pelos espigões de ferro encravados na parte interna da caixa" (WOLF, 1990, p. 22). É apresentando essa história que dá–se início ao processo de reflexão em torno da autoimagem corporal feminina. A partir dessa narrativa refletimos se seria hoje o corpo da mulher e a imagem que ele representa sua própria donzela de ferro?

A narrativa construída da donzela de ferro nos faz pensar que o corpo/imagem da mulher concebe sua própria prisão, reconhecendo os avanços em relação a um espaço social mais digno, conquistados pelas mulheres a imagem que esse corpo representa socialmente hoje ganha espaço como um contra ataque da cultura masculina para manter o controle social dessas mulheres como aponta Wolf:

> A alucinação moderna que prende as mulheres, ou na qual elas mesmas se prendem, é da mesma forma cruel, rígida e adornada de eufemismos. A cultura contemporânea dirige a atenção para as metáforas da donzela de ferro enquanto censura o rosto e o corpo das mulheres de verdade (WOLF, 1990, p. 22)

Pensando no corpo/imagem (como será chamado no presente artigo), Wolf argumenta que mesmo já existindo imagens do mito da beleza desde os primórdios do patriarcado, as mulheres antes da revolução industrial não se relacionavam com ele da

[1] Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr

forma moderna. Anteriormente seu contato era com pouquíssimas imagens dessa maneira fora da igreja. Com a invenção da fotografia e o processo de reprodução de copias em massa o mito pode contar com essa poderosa ferramenta "o atual arsenal do mito consiste na disseminação de milhões de imagens do ideal em voga" (WOLF, 1990, p. 20).

Segundo conceitos estudados na obra a "*Era da Iconofagia*" (BAITELLO, 2014), as imagens tornaram-se a mídia de comunicação independente que não remete a experiências reais de existências físicas, mas uma reprodução infinita de imagens, elas se auto referenciam. Pensando nos conceitos de Wolf e como a imagem serve para disseminar o mito e correlacionando com a iconofagia traça-se um caminho para o entendimento das narrativas construídas a partir de imagens, Como Baitello (2014) afima:

> Por fim, todos abriram passagem para as imagens, representações de representações, ilustrações de ilustrações, realidades cada vez mais distantes, abstratas e descarnadas de interioridades, vazias ou ocas, fantasmas de aparição súbita e efêmera, que serão sucessivamente substituídos por mais fantasmas, como uma imagem sucede a outra, infinitamente, sem nunca levar a algo que não seja também uma imagem (BAITELLO, 2014, p. 70).

Segundo Wolf após a segunda onda do feminismo, momento em que as mulheres passaram a ocupar cargos e irem para as universidades, não existiria o que pudesse controlar essas mulheres visto que são maioria da população e agora nada as impediria de chegar a posições de poder e equidade com os homens. O contra ataque social seria criar algo abstrato, mas com o reforço contínuo da indústria e da sociedade usando a imagem o tornariam concreto: "Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas." (WOLF,1990, p. 12.)

O fato acima criou um mito, um mito de beleza. Transformar mulheres e determinar seu valor por quem elas aparentavam ser, determinar valor pela sua beleza e criar regras e padrões manteria esse potencial na linha. O que se criou segundo Wolf (1990) foi um corpo universal, em que as mulheres devem querer alcançá-los e os homens devem querer mulheres que o encarnem:

> Ao atribuir valor as mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo os quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriam. A beleza não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza femininos se originam de uma mulher ideal platônica. (WOLF, 1990, p. 15)

Colocar um corpo feminino específico é negar a existência de um ser humano acima de todas as coisas. Isso transfere as mulheres e seu amor próprio, que segundo Wolf (1990) é o nosso órgão mais sensível exposto à aprovação externa, o que gera um pânico e um pavor na maioria das mulheres de perder o controle, medo de envelhecer e necessidade de se encaixar nesse padrão prescrito.

Este controle social através da beleza feminina tem como um de seus braços uma indústria inteira muito bem estruturada que se beneficia com isso, indústria de tratamentos estéticos; indústria de dietas; de cosméticos; usando frequentemente um discurso que privilegia a "saúde" para que mulheres continuem a financiar a sua própria donzela de ferro. O que acontece segundo Wolf (1990), é que a beleza se tornou seu próprio sistema monetário e que é moeda de troca. Quantas mulheres em muitos empregos são selecionadas tomando como critério sua beleza, se elas atendem ou não a padrões?

> A qualificação de beleza profissional (QOBF)[2] – está sendo institucionalizado extensamente como condição para contratação e promoção de mulheres. Ao assumir de má-fé a linguagem de boa-fé da QOBF aqueles que manipulam a qualificação de beleza profissional podem alegar não ser ele descriminação sob o pretexto de consistir um requisito necessário para que a função seja realizada de forma adequada. (WOLF, 1990, p. 35)

A perversidade desse contra ataque ganha força por que as mulheres cresceram com escassas referências de pensadoras, ao contrário dos homens que sempre foram lembrados por feitos que vão além da beleza. Wolf (1990) demonstra que designar a mulher apenas como uma beldade é também manter facilmente controlado o pensamento desse corpo/imagem:

> Não se trata de as identidades das mulheres serem fracas por natureza. A imagem "ideal" adquiriu uma importância obsessiva para as mulheres porque esse era seu objetivo. As mulheres não passam de "beldades" na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina. (WOLF, 1990, p. 77)

Para a autora não existe uma justificativa biológica que aprove e comprove o mito da beleza, mulheres não passam pela seleção natural puramente pela sua beleza não sobrevivendo ao longo da existência da humanidade unicamente por serem beldades "o fato das mulheres competirem entre si através da "beleza" é o inverso da forma pela qual a seleção natural, afeta outros mamíferos" (Wolf, 1990, p. 15). Existem corpos diversos e nenhum deles é igual. O mito da beleza tem a intenção de convencer as mulheres da existência desse corpo universal e fazê-las acreditar que precisam encontrar fora de si mesmas conquistas fornecidas por uma indústria para produzir esse corpo.

O pânico gerado provém do fato das mulheres serem sistematicamente separadas de seu corpo natural, construindo um processo apontado por Wolf (1990) no qual uma mulher deve ter um corpo ou uma mente, não os dois ao mesmo tempo. Essa separação contribui para que as mulheres não consigam mais se reconhecer no corpo em que habitam e o sentimento de ser colocada na "donzela de ferro" por escolha delas mesmas e de não serem abençoadas pela natureza por habitarem no corpo esperado. Esse contexto torna-se pesado e uma estratégia eficiente de controle, afinal as mulheres estarão tão preocupadas e ocupadas para conquistar esse corpo que encontram-se

[2] Qualification of beauty - é um critério e seleção profissional de candidatas no mercado de trabalho a partir de um referencial estético pré-estabelecido pelo padrão.

alienadas em um propósito de pensar que o corpo/imagem pretende justamente fazer isso, tornando a beleza uma forma de religião:

> A insistência para que as mulheres pensem constantemente na fragilidade e efemeridade da beleza é uma forma de tentar nos manter subservientes, alimentando em nós um fatalismo que não faz parte do pensamento ocidental masculino desde o Renascimento. (WOLF, 1990, p. 135)

As mulheres precisam gastar seu tempo e energia mesmo trabalhando e cuidando de uma casa para ficarem bonitas, constantemente com um discurso de que fazem assim para elas mesmas, mas na verdade fazem pressionadas por referências externas. O não reconhecimento e negação do corpo causa um sentimento de culpa e não pertencimento enorme, no qual são negadas as mulheres uma descoberta de seus potenciais. Como amar um corpo que não mais pertence a elas, e sim a cultura e a sociedade masculina.

O problema disso é que esta separação também causa uma doença da mente, um lugar onde a magreza é santificada e a gordura é vista como criação do próprio diabo, a "donzela de ferro" torna-se ainda menor e os esforços para caber nesse caixão tornam-se fatais:

> No entanto, a gordura da mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente sobre o domínio do mito, os nossos corpos não pertencem a nós mas à sociedade, e que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é um concessão social exigida pela comunidade. Uma fixação cultural na magreza feminina não é uma obsessão com a beleza feminina, mas é uma obsessão com a obediência feminina. (WOLF,1990, p. 247)

Insegurança e baixa autoestima são alguns dos problemas comuns dessa mulher contemporânea. O mito da beleza chegou a tal ponto de ter o poder de matar mulheres, esse é o preço que elas pagam para alcançarem o corpo/imagem, e a negação constante de seus corpos faz nascerem doenças como anorexia e bulimia, segundo dados apontados "a Grã Bretanha tem atualmente três e meio milhões de anoréxicos ou bulímicos (95% dos quais do sexo feminino)" (WOLF, 1990. p. 242). Wolf aponta outros dados:

> As revistas para mulheres revelam que há até um milhão de americanos com anorexia, mas a Associação Americana de Bulimia e Anorexia declara que essas duas condições atacam um milhão de americanas a cada ano; e que 30.000 também estão viciadas no uso de eméticos. A cada ano de acordo com a associação, 150.000 americanas morrem de anorexia. (WOLF, 1990, p. 240)

A ferramenta principal disso é a imagem, segundo Wolf (1990) quanto maior foram os avanços das mulheres piores e mais massacradoras foram as imagens de beleza impostas como mencionado no presente texto. Se na história a beldade feminina e quem ela é já é vista como imagem torna-se muito mais fácil usar essa ferramenta e criar narrativas em cima das mesmas para um controle e financiamento desse sistema monetário de beleza, Wolf (1990) analisa a importância e contribuição das revistas femininas para essa ferramenta: "As mulheres são profundamente afetadas pelo o que as revistas lhe dizem (ou pelo o que acreditam que lhes dizem) porque essas publicações

são tudo o que a maioria das mulheres tem como acesso à sua própria sensibilidade de massa.” (WOLF, 1990, p. 92)

Pensando no conceito de iconofagia colocado por Baitello (2014) a era da iconofagia convida a fuga aos corpos, pois hoje os corpos tornaram-se imagens de corpos, reproduções infinitas de ecos e superficialidades. Seguindo essa linha de raciocínio e pensando no mundo contemporâneo em que telefones móveis e redes sociais permeiam a vida de todos os seres humanos, constrói-se uma narrativa sem fronteiras de imagens, é iconofagia pura, em que as imagens devoram corpos:

> E porque sucumbem os corpos, transformam-se as pessoas imagens das imagens, superfícies das superfícies. Corpos de imagens e imagens de corpos já não se distinguem sob o imperativo compulsório da reprodutibilidade, abrindo caminho para outra ordem social. (BAITELLO, 2014, p. 70)

A iconofagia seria um reforço narrativo do mito da beleza? Wolf (1990) coloca que o mito afirma a existência de um corpo universal, as mulheres são sistematicamente forçadas a negar seus próprios corpos e buscar fora esse corpo ideal, porém o corpo ideal são imagens de imagens, reproduções infinitas distanciadas de uma corporeidade real: “Uma vez transformados em imagens de corpos, são estes que passam a ser devorados, consumidos pelas imagens. Temos aqui o próximo degrau da iconofagia. Nessa etapa, são as imagens que devoram os corpos (BAITELLO, 2014, p. 75)”. Qual seria o papel e qual seria as narrativas construídas a partir da rede social Instagram? Visto a facilidade e rapidez com que todas as mulheres podem adquirir e processar essas imagens, e relacionado o com os conceitos de iconofagia apontados por Baitello (2014). Se o reflexo da mulher no espelho social já é a imagem qual seria o reforço narrativo desse universo sem fronteiras.

## 3. METODOLOGIA

Partindo das hipóteses colocadas por Wolf em *O mito da beleza* (1990), algumas questões ficaram latentes e chamaram mais a atenção dentro das leituras colocadas. Visto que a imagem da mulher e sua beleza determinariam seu valor dentro da sociedade contemporânea, a autora coloca a existência de um corpo universal.

Um paradoxo se cria afinal a mulher nega seu corpo natural, mas ainda precisa conquistar um corpo, que não é mais dela, e sim da sociedade. A mulher passa então por um estágio de negação, uma corrida contra sua natureza e seu corpo acarretam um ruído entre o que ela realmente é o que precisa ser diante do mito, o que permanece no espaço do ruído, qual seria o sofrimento acarretado por negá-lo e não reconhecer-se mais nele? O corpo da mulher é sua prisão sem fiança, mas com *habeas corpus* prometido pelo mito da beleza, com alguns sacrifícios necessários para a conquista de liberdade, e um deles seria negar seu corpo natural, negar os sentidos e possibilidades desse corpo.

As hipóteses criadas por Wolf (1990) em decorrência da época em que foram pensadas falam da ferramenta usada para que o mito dissemine suas imagens de ideais de beleza. São as revistas femininas, pois era um veículo da cultura de massa feminina. Partindo desse pressuposto qual seria a cultura feminina de massa hoje? Considerando que os aparelhos celulares são tão presentes na vida e no dia a dia de toda a sociedade o consumo de imagens é ainda mais fácil e instantâneo. Quais narrativas visuais sobre o mito da beleza a rede social Instagram constrói? E como elas influenciam na negação do corpo e no reforço do mito da beleza? Visto que as imagens segundo a iconofagia colocada por Baitello (2014) são reproduções infinitas de imagens das imagens, sem profundidade e sem um corpo e experiências reais no pano de fundo, a realidade dos corpos parece cada vez mais distante visto a era de disseminação dessas imagens.

Para investigar tais questões seria necessário ouvir algumas mulheres para tentar entender, validar ou invalidar os pensamentos levantados no artigo. Para isso procurou-se usar o método de grupo focal, entendido como o melhor para o levantamento de dados a cerca das ideias colocadas por Wolf (1990), pois com o grupo focal a interação das mulheres 13 entrevistadas faria com que pudesse ser visto e medido como o mito de fato atinge esse grupo. Como Kind (2004) aponta:

> Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e insights que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. (KIND, 2004, p.125)

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados qualitativos, como Kind comenta em Notas para o trabalho com a técnica em grupos focais (2004), a sua possibilidade de coleta de dados trás ao pesquisador um cenário em que ele poderá ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo além de observar as interações do processo grupal. Com o objetivo de obter informações, sentimentos, experiências, o grupo focal pode alcançar outros níveis na pesquisa, como é dito no texto "Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas" (2011):

"Desse modo, o grupo focal pode atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando dimensões de entendimento que, frequentemente, permanecem inexploradas pelas técnicas convencionais de coleta de dados. (BACKES, 2011, p. 439)" Para que haja um bom aproveitamento dos dados coletados e o grupo focal não desvie a atenção do tema e as discussões tomem outras proporções é necessário que exista o coordenador, seu papel é delimitar bem o tema, definir um guia para o grupo e conduzir a discussão a fim de aproveitar todas as possibilidades de experiências vivenciadas no grupo. Além do coordenador é preciso a figura do observador, para colaborar na condução da discussão, monitoramento do tempo, e monitorar os equipamentos de gravação a fim de facilitar na transcrição dos dados posteriormente.

Como colocado no texto "Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas" (2011) "é importante que o ambiente dos encontros seja

acolhedor e assegure privacidade para facilitar o debate e aprofundar as questões" (BACKES, 2011, p. 439). Por esse motivo a pesquisadora escolheu a sua casa, como o ambiente para o grupo de mulheres, a 14 fim de proporcionar uma experiência leve e acolhedora para que as participantes pudessem sentir-se seguras para abordarem as questões colocadas. Elas foram acomodas na sala de estar onde puderam se sentar de maneira confortável nos sofás enquanto a pesquisadora projetava slides sobre as questões a serem trabalhadas.

Quanto ao número de participantes a autora destaca que haja entre 6 a 15 por grupo, porém coloca que é necessário ser cauteloso ao número elevado de participantes, pois assim corre-se o risco de que nem todos os possam ser ouvidos no grupo focal:

> Outros autores são mais cautelosos quanto ao número elevado de participantes por grupo, apontando, dentre outros problemas, a dificuldade de garantir que todos tenham a oportunidade de falar sem que a discussão se torne excessivamente diretiva (DEBUS, 1988; ROSO, 1997). Esses autores indicam de 8 a 10 participantes por grupo, sendo ideal um número de 5 a 7 integrantes em cada grupo focal. (KIND ,2004, p. 128)

Por conta da duração da pesquisa para o presente artigo foi feito apenas um grupo focal composto por um número de sete mulheres entre 20 a 35 anos, essas jovens mulheres foram escolhidas por apresentarem certa reflexão sobre questões feministas e do corpo feminino. Por tratar-se de um tema que tem camadas e as mesmas se estabelecem com recortes de classe, região, vivencia, a pesquisadora optou por questões também de tempo e necessidade de um projeto mais longo de pesquisa e aprofundamento, conversar com mulheres que já estavam envolvidas com temas sobre feminismo, pensamento critico sobre o corpo, logo a ideia do primeiro grupo focal para o presente artigo era um recorte somente de gênero e região, pois as participantes residem em Curitiba.

Para investigar os temas tratados a pesquisadora previamente estabeleceu uma série de questões que seriam apresentadas as participantes, fazendo um guia de temas ou um temário que como a autora explica, "o temário é, na verdade, uma orientação, um auxilio de memorização de questões importantes a ser tratadas" (KIND, 2004), partindo do que deveria ser investigada a pesquisadora introduziu uma série de imagens com duas diferenças: algumas eram de editoriais de revista de moda e outros eram de *digitais influencers*[3] do Instagram, contas de meninas famosas com certa notoriedade, isso foi medido de acordo com o número de alcance dessas por meio de um grande número de seguidores, para que nenhumas dessas pessoas fossem expostas seus rostos foram devidamente escondidos, pois fugiria da questão do mito tratar de pessoas específicas. Após esse primeiro momento, em que as seguintes fotos foram apresentadas:

Editoriais de revista feminina:

[3] Pessoas com grande número de seguidores, frequentemente em redes sociais, propagam conteúdos on-line, desse modo sendo formadores de opinião.

Fotos do instagram:

Partindo da visualização das fotos a pesquisadora e coordenadora conduziu uma série de perguntas as participantes a fim de estimular uma reflexão sobre o tema investigado.

Buscou-se investigar como categoria principal a negação do corpo de acordo com as hipóteses colocadas por Wolf e como a rede social Instagram constrói uma narrativa a partir do mito relacionando com as falas das participantes. Primeiro a pesquisadora explicou o que era o Mito da beleza de acordo com o livro de Wolf (1999), seguindo essa ordem buscou-se introduzir questões não tão especificas no primeiro tópico quanto à negação do corpo, mas que rodeavam o tema para que as participantes pudessem levantar suas questões e fossem construindo uma linha de pensamento a cerca do tema.

Primeira pergunta do tópico 1: O mito da beleza:

- Vocês acreditam que nosso valor é determinado pela nossa aparência nos dias de hoje?

Após a apresentação do tema e o inicio da conversa com a primeira pergunta a pesquisadora introduziu o tópico 2: Os corpos que não são mais nossos. Como as ideias debatidas nesse tópico eram maior interesse para a pesquisa estendeu-se mais perguntas e estimulou-se um debate maior para que fosse possível uma reflexão profunda.

Perguntas apresentadas no tópico 2: os corpos que não são mais nossos:

- Hoje em dia é possível amar nosso corpo exatamente como ele é?

• Somos separadas do nosso corpo? Vocês já olharam para o espelho e não se reconheceram?

• É possível amar sem pertencer?

• Nessas fotos é possível identificar um padrão? Que padrão é esse?

Os desdobramentos dos tópicos foram fluídos e a pesquisadora pouco teve que prender-se tanto ao temário, mas para fechar a questão e adentar na outra categoria que é quais as 16 narrativas que o Instagram constrói baseado no mito da beleza, a pesquisadora colocou perguntas de fechamento da questão e do grupo no tópico 3: as narrativas visuais construídas:

• Vocês hoje em dia consomem mais revistas femininas ou fotos do Instagram?

• Os dois blocos de fotos apresentadas são diferentes? Por quê?

• Qual a diferença?

• Vocês acham que essas imagens nos influenciam? Por quê?

• Partindo da narrativa dessas imagens, esse padrão é palpável? Segundo o que já conversamos sobre o mito?

## 4. ANÁLISE

Analisando as respostas das participantes e o temário separou-se algumas categorias de análise para relaciona-las e validar ou invalidar a pergunta proposta no artigo. De acordo com o guia criou-se uma linha de desdobramento das ideias todas dependentes uma das outras para construir possíveis respostas. Para que a identidade das entrevistadas fosse devidamente protegida, escolheu-se enumerar pela quantidade de participantes do grupo focal. Propôs-se ao grupo o debate sobre as seguintes temáticas: aparência x valor; mente x corpo; mercado da beleza; o corpo negado: uma questão de pertencimento; corpo/ imagem; as narrativas visuais que o Instagram constrói.

### 4.1 Aparência x Valor

A partir das imagens apresentadas na metodoologia as participantes fizeram os seguintes relatos:

“Entrevistada 6: até a forma que a gente é tratada quando chega nos lugares muda assim conforme, é... Quanto mais dentro de um padrão você está de beleza mais bem recebida você é, mais acolhido você é, não só né físico como de cor também... Dependendo do ambiente... De certa forma sim nosso valor ainda é determinado pela aparência porque isso vai te[?] quanta facilidade você vai ter pra fazer amigos ou não.”

A essa respeito Wolf comenta que “o que é mais instigante, a nossa identidade deve ter como base a nossa “beleza”, de tal forma que permaneçamos vulneráveis a aprovação externa, trazendo nosso amor próprio, esse órgão sensível e vital exposto a todos. (WOLF, 1990, p. 17) Ou seja, o que ela é, como é vista e sua identidade é valorizada apenas por sua beleza. O tratamento é dado de acordo com o quanto a mulher está dentro de um padrão de beleza, isso fica claro na resposta da entrevistada acima, o que vale lembrar que Wolf (1990) coloca que a nossa beleza é ditada pelo mito e quem o determina é a sociedade, quando o valor da mulher está diretamente ligado a isso, como ela é vista e recebida será determinado pela sociedade. “O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional do dos homens. (WOLF, 1990, p. 17)”

“Entrevistada 4: [...] Essa pergunta pra mim, ficou muito na minha cabeça, se você tem valor porque você é bonita, mas esse valor não é humano, ele não tem a ver com o ser humano, ele tem a ver com a verdade dos caras mesmo, isso é totalmente um jogo.”

A citação de Wolf (1990) fica clara com a fala da participante número 4, o mito joga com a cultura de poder masculina e as mulheres, o que está em jogo é controlar essas e manter seu potencial na linha, o que nada as faria perder após a segunda onda do feminismo. O jogo criado na sociedade dos homens determina valor a algo que não é humano, é um valor criado a partir de um mito insólito e moldável conforme a sua necessidade.

Wolf (1990) também aponta que determinar o valor das mulheres mediante a sua beleza as estigmatiza dentro de sua competência dentro do trabalho, ela denomina de Qualificação da beleza profissional, onde mulheres são descartadas, contratadas, ou qualquer outra posição dentro de seu trabalho por conta de sua beleza, como aponta a entrevistada 5:

“Entrevistada 5: É, já trabalhei em uma loja e também tinha que ter uma certa estética, não importava se eu sabia fazer o serviço ou não, não importava. Em empresa que a 18 mulher tem que lidar diretamente com o público, é como se ela não estivesse lá para fazer o trabalho dela, estivesse lá para enfeitar aquela equipe e chamar atenção pela aparência e não pelo o que ela é capaz de fazer.”

Nas entrevistas as próprias participantes colocaram a questão do trabalho como um quesito importante na determinação do valor pela beleza feminina, reforçando o conceito colocado por Wolf da Qualificação da Beleza profissional, como aponta essa entrevistada, segundo vivências próprias dentro do mercado da publicidade:

“Entrevistada 4: Na agencia de propaganda isso é muito sério, porque a gente tem uma estrutura, os departamentos... e tem o departamento que atende o cliente que é o atendimento e, assim, as meninas tem a mesma formação que todo mundo lá dentro[...]mas o detalhe principal é elas serem bonitas, e elas são bonitas e são selecionadas dentro de um padrão de beleza, quase todas, nunca conheci nenhuma atendimento que fosse fora do padrão.”

4.2 Mente x corpo

A esse respeito Wolf comenta que "É permitido as mulheres uma mente ou um corpo, mas não os dois ao mesmo tempo." (WOLF, 1990, p.78) A fala da entrevistada 4 deixa evidente tal questão quando comenta que:

"Entrevistada 4: [...]só que as meninas do atendimento são consideradas burras, é como se a beleza transformasse a pessoa em uma pessoa burra[...] não só o valor delas era determinado pela beleza como esse era o único valor que elas podiam ter[...] E eu acho engraçado isso, que as meninas que isso pesava elas não podiam ser reconhecidas por outra coisa, e era muito chato isso porque se criava um estigma."

Como se as mulheres diante do mito só pudessem ser uma coisa, ou um fracasso ou um sucesso, dentro do seu sucesso só é esperado que ela atenda ao mito. Nada mais se espera de uma mulher além de sua beleza. Logo uma mulher não pode ser bonita e inteligente, ela não pode ser corpo e mente. Como se sua beleza fosse sua salvação e condenação, e se condenada à feiura, ela como mulher deve conquistar algo além daquilo que é esperado, precisa se mostrar inteligente:

"Entrevistada 6:[...] a mulher não pode ser inteligente, o objetivo da mulher é ser bonita, se ela não é bonita então ela tem que compensar isso, por isso ela é inteligente, por 19 isso ela é legal, uma pessoa engraçada. Porque ela tem que compensar a falta de beleza que ela tem, porque se não quem vai querer essa mulher.

Entrevistada 4: [...] as outras meninas menos padrão, tipo eu que trabalhava no planejamento e sou bem fora do padrão[...] a gente que não era esse valor que pesava mais, a gente tinha que ter outros valores, tínhamos que mostrar uma competência intelectual, uma competência de produtividade[...]"

A beleza da mulher segundo o mito anula todas as suas capacidades, como pontua a participante:

"Entrevistada 1: você neutralizou ela com a beleza, ela está neutralizada, não temos que nos preocupar com essa dai, ela é só bonita."

Wolf (1990) coloca que quando se atribui valor à beleza feminina, as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos. Nota-se nas falas o quanto isso é pesado e dicotômico, ou ela é bonita e suas capacidades intelectuais são completamente negadas, ou ela é considerada fora dos padrões segundo o mito e precisa mostrar capacidades além da sua beleza. Porém a forma como ela é tratada ainda é segundo o mito. Mesmo que ela precise mostrar capacidades além mostrando seu intelecto, essa ainda precisa conquistar o corpo e a beleza diante do mito para adentrar nos espaços da sociedade.

"Entrevistada 2: E isso também é muito reforçado pela mídia, porque nos filmes, nas novelas a loira magricela é sempre a retardada, sempre a que some primeiro ou que é malvada e manipula todo mundo, e que não tem valor moral algum, ou aquela menina

que fica com o popular do colégio e também de certa forma, assim, é julgada pelo seu valor sexual, e sempre nesse sentido nunca a loira do filme americano é a intelectual."

4.3 Mercado da beleza

No desenrolar das falas das participantes nota-se que dentro da cultura masculina o cuidado com a beleza é exclusivamente feminino:

"Entrevistada 6: você vê catálogo de maquiagem pra homem?

Entrevistada 4: não, e isso é até moralmente errado né? Entrevistada 2 : É feio né?

Entrevistada 6: ou quando o homem as vezes passa creme, se cuida assim, sempre tem sua sexualidade questionada."

Sobre esse aspecto Wolf aborda que:

> A ocupação com a beleza, trabalho inesgotável porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domesticas, também inesgotáveis e efêmeras. Recorrendo a conceitos de beleza, ela construiu um mundo feminino alternativo, com suas próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, 20 sendo cada um desses elementos tão repressor quanto os do passado. (WOLF, 1990, p.20)

Dessa maneira a mulher deve moldar-se conforme o mito vai ditando, e essas regras mudam como as entrevistadas apontam:

"Entrevistada 6: cabelo cacheado, tem que ser aquele cacho volumoso, colorido, tem que ser Karol com K se não, não.

Entrevistada 1: e ai não pode nem pegar vento, não é.

Entrevistada 2: não, porque teoricamente existe um não frizz, existe um cabelo que não tem frizz, dentro de um estúdio de publicidade existe um cabelo que não tem frizz.

Entrevistada 1: nunca vi, mas dizem que existe, é aquele que você precisa na sua vida se não você é feia."

Wolf (1990) coloca que a beleza passou a ser um sistema monetário em que ela passou a ser sua própria moeda de troca. O que existe também é uma indústria que se beneficia com o mito, as indústrias da dieta, as casas de estética. As mulheres são constantemente negadas de seu corpo natural em busca das regras que o mito determina: "De imediato, as indústrias da dieta e dos cosméticos passaram a serem os novos censores culturais do espaço intelectual das mulheres. (WOLF, 1990, p. 13)"

"Entrevistada 2: o cumulo disso é o clareamento de anus, é o ápice do cumulo do mercado da beleza.

Entrevistada 1: é, porque a pele é um pouco mais escura e no pornô a mulher tem a pele rosinha ali.

Entrevistada 2: a mulher é toda rosa. Entrevistada 1: é toda rosa."

Todas as partes da mulher podem ser moldadas segundo o mito, e relatado acima, mas as consequências disso são muito mais perigosas do que se imagina.

4.4 Corpo negado: uma questão de pertencimento

Sobre esse tópico houve o seguinte relato:

"Entrevistada 4: eu acho essa coisa muito complicada, assim, como isso tudo é muito moral[...] sobre essa questão do corpo, e eu fico vendo que as pessoas, quando você se conscientiza de que você não precisa ter aquele corpo e que tudo isso é uma coisa que está sendo imposta pra você[...] Eu achava por muito tempo que isso era tudo uma questão moral, que eu era errada de ter esse corpo aqui, eu era desobediente, você sente, não é uma coisa falada, mas é uma coisa que você sente, porque você sente o olhar das pessoas, elas olham como se você fosse um monstro[...]se eu estou num meio de pessoas muito padrão eu me sinto mal comigo mesma[...] é muito difícil porque esse peso moral sempre te assombra[...]"

Como Wolf (1990) pontua que a cultura contemporânea censura os corpos e rostos das mulheres de verdade. O mito afasta as mulheres de seus corpos naturais, essas não conseguem reconhecer se em seus próprios corpos, mesmo que haja um pensamento e uma reflexão a cerca do mito da beleza o peso moral que ele carrega faz com que elas mulheres não aceitem esse corpo, é um corpo sem corporeidade real dessas, é um corpo julgado e censurado pela cultura e sociedade patriarcal:

"Entrevistada 6: como se você não tivesse o direito de estar naquele espaço, você não pertence aquilo, tenho pensado muito nisso porque desde adolescente, pré-adolescente, mas principalmente na adolescência essas coisas foram ficando marcantes, eu sempre me senti assim[...] parece que era dividido em dois grupos: as meninas gordas e as meninas magras, ai dentro do padrão das magras, os homens classificavam as mulheres entre bonitas e as feias, mas se não você era sempre descartada logo de cara."

Como se a beleza fosse à concessão social para que as mulheres possam existir como seres humanos no espaço de convivência. E mesmo que depois de aceitas por mostrarem algo além de sua beleza elas se sentem incompletas e insuficientes diante de sua autoimagem, pois seu corpo lhe é negado, seu pertencimento é negado enquanto o mito rege as regras da cultura, o que as faz ainda ter a necessidade de algo a conquistar:

"Entrevistada 6: quando estava na pré-adolescência eu andava com uma amiga, era minha melhor amiga, ela era muito bonita, dentro desse padrão ela é bonita mesmo, mas sempre tive muito mais facilidade de conversar, gosto de conhecer gente, ela era muito mais quieta, assim, não tinha muita paciência, mas sempre as pessoas queriam muito mais estar com ela[...]quando conheciam a gente a atenção principal era dela, assim, sem nenhum motivo, sem nada, era difícil porque eu pensava: nossa, então eu vou ter que ser para conseguir conversar com alguém, para as pessoas me darem atenção, se não eu podia entrar e sair de um lugar sem nem ser notada, e é, assim, difícil."

O sentimento de insuficiência é tão reforçado para que as mulheres sintam essa necessidade de compensação, elas precisam conquistar o mito da beleza, pois o que elas têm não atinge o esperado no espaço social:

"Entrevistada 4: Sim! Porque por mais que seja uma vitória pessoal nunca é uma vitória social, assim, socialmente você não fez nada, você está muito errada socialmente, você é uma loser fraca que inventou uma desculpa pra si mesma para justificar a sua fraqueza, então é assim [...] você nunca acha respaldo fora."

O mito dita as regras do corpo para que ele seja aceito, mesmo que as mulheres procurem se reconectar com o que é naturalmente seu, elas ainda são constantemente forçadas a se entenderem como incompletas, para a cultura e sociedade elas não fazem nada e por dentro sentem-se insuficientes, não se pertencem e não são capazes de se reconhecer:

"Entrevistada 1: Eu não consigo, de um dia pro outro, eu já não vejo a mesma coisa no espelho, na verdade eu nunca sei o que eu estou vendo. Porque eu não me enxergo de uma forma clara, e é, e isso causa um distúrbio meu, sei lá, cerebral na gente, de não conseguir. É tipo uma imagem, de não se ver, e eu achei que eu era louca, ou algo assim, mas daí eu converso com as meninas e todas tem isso."

O que fica nesse espaço do corpo a ser conquistado e corpo negado é uma imagem, que segundo Wolf (1990) é o arsenal do mito para a disseminação do ideal em voga: "Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens de beleza feminina a nós impostas. (WOLF, 1990, p.11)"

"Entrevistada 3: a gente perde nossa identidade, porque a gente acaba olhando pros outros e você acaba não se conhecendo.

Entrevistada 4: é como se a gente se olhasse no espelho e o que refletisse sobre nós fosse o olhar do outro. Eu sinto muito isso, assim, porque às vezes eu olho uma foto [...] Foto pra mim é pior que espelho, e eu tenho uma sensação [...] Sempre que tiro acabo de tirar uma foto eu olho para ela e acho horrível, eu nunca gosto, acho que não tem nenhuma foto que eu olho espontaneamente e gosto[...] eu olho para ela com esse peso das pessoas me olhando[...] mas ai passa um tempo, assim, tem que passar um bom tempo[...] e eu olho para aquela mesma foto e ai como eu estou mais distante dela[...] as vezes eu me acho bonita, é a mesma foto. Quando eu pego fotos, assim, de muitos anos arás e meu olhar muda completamente sobre a foto eu falei: nossa eu era bonita. E eu lembro de eu ter me odiado naquela foto[...]"

O mito se constrói em imagens, as mulheres devem refletir uma imagem de beleza. O corpo natural da mulher é negado e separado dela para que o espaço da imagem adentre e seu corpo não pertença mais a ela. A metáfora da donzela de ferro apontada por Wolf (1990) cabe dentro das falas das participantes, pois quando esse

espaço da imagem sob domínio do mito adentra em seus corpos eles acabam trancafiados na donzela de ferro, a beleza torna seus corpos sua própria prisão:

“Entrevistada 6: antes eu pensava assim: não, porque se eu fosse magra, todos os meus problemas, assim, de relacionamentos iam ser resolvidos, era só eu ser magra, e daí eu escuto pessoas, tipo, magras e que eu vejo como bonitas, falando: não porque eu também me sinto insegura, e eu fico tipo, como assim? Né?”

A solução principal é a imagem, a imagem do mito se configura na magreza como uma de suas regras fundamentais e isso vai resolver os problemas dessas mulheres, a negação de seu corpo será compensada quando essa atingir a imagem do corpo, como Wolf (1990) coloca que a redução progressiva do corpo da donzela de ferro é o indicio obvio desse apontamento.

“Entrevistada 4: Eu me lembro que a primeira vez que minha mãe disse, que a pediatra disse que eu estava acima do peso, eu tinha seis para sete anos, e ai eu lembro de não entender aquilo, não entender o que ela estava falando[...] como eu devia ser, assim, eu não concordava, eu me achava normal até então, a partir desse dia eu nunca mais me achei normal, mas é assim uma coisa que a criança não percebe por si mesma, só percebe quando o adulto fala.”

A negação do corpo pode causar desde muito cedo problemas psicológicos as mulheres, o treinamento e exercício do mito já pode começar na infância, como essas participantes apontam:

“Entrevistada 1: meninas com sete anos a gente já ouve falar que tem distúrbio alimentar, quem botou na cabeça dessa criança que ela tinha que ser magra, pra começar, isso não veio, ela não nasceu com essa ideia, não existe, é uma coisa que venderam pros pais dela e ela viu na tv. E sei lá, está tudo errado!

Entrevistada 2: é uma coisa muito construída né, eu convivi muito com criança e já vi menina de cinco anos falando pra mim: ai eu preciso ficar com trinta e oito quilos, mas eu estou com quarenta. Gente uma criança de cinco anos nem sabe o que são trinta e oito quilos.”

> No entanto, a gordura da mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, os nossos corpos não pertencem a nós mas à sociedade, que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é uma concessão social exigida pela comunidade. (WOLF, 1990, p. 247)

“Entrevistada 2: essa semana eu vi uma coisa, que na escola eles fazem a festinha dos aniversariantes do mês e esse negocio da concessão social é tão pesado, que as professoras elas iam comer o bolo, mas elas já estavam se justificando, do corpo e do peso, e todo mundo já deve ter presenciado isso, uma mulher comendo e se justificando porque não podia comer aquilo, e é uma coisa que, assim, ninguém falou pra ela.”

Sob o domínio do mito como Wolf (1990) mesmo coloca a separação do corpo feminino e sua negação torna vulnerável seu pertencimento à sociedade masculina, como se a mulher ao sentir fome tivesse que justificar o que colocará de alimentos em seu corpo para o mito. Tudo deve ser controlado dentro das regras impostas pelo mito da beleza, a fome, a forma e tamanho do corpo, as mulheres são mantidas presas em seus próprios corpos e o que dele deve refletir é apenas uma imagem.

“Entrevistada 4: Como se a gente não pudesse se ver bonita, a gente só tem que refletir uma beleza, mas a gente não pode se ver bonita. Porque eu acho que a forma da gente se ver bonita é reconhecer nossas expressões de alguma forma.”

4.5 O corpo/imagem:

Baitello (2014) em sua obra coloca que a era da reprodutibilidade excessiva de imagens nos distancia de realidades concretas, do corpo real para reproduções infinitas de imagens. Somos primeiro: imagem e dessas imagens somos apenas camadas de outras imagens, primeiro se é visto como imagem. Quando a mulher tem seu corpo sistematicamente negado e separado de quem ele é naturalmente o mito da beleza usa a imagem como sua ferramenta principal, fazendo com que ele tenha um poder grande, pois a realidade dessas mulheres é distanciada e elas se veem como uma imagem, e o mito se torna uma verdade absoluta: uma imagem. Isso fica claro na fala dessa participante:

“Entrevistada 4:[...] o tempo todo desde muito pequenas a se ver como uma imagem, a gente não está no corpo de outras formas, a gente não faz coisas com o corpo que são prazerosas pra gente, que a gente gosta, tipo dançar é uma coisa que, assim, só pode dançar pro outro, você nunca pode dançar pra você, pra sentir o que é aquela dança em você.”

“Entrevistada 2: Acho que isso tem muito a ver também com a nossa própria alienação com a imagem, porque a gente acha muito que a imagem é real, a gente acha que as fotos são reais[...] porque a gente está digamos, assim, alfabetizados visualmente com esse padrão[...]mas o que acontece é que esse padrão não é real”

Notamos nos relatos evidencias da citação a seguir:

> Por fim, todos abriram passagem para as imagens, representações de representações, ilustrações de ilustrações, realidades cada vez mais distantes, abstratas e descarnadas de interioridades, vazias ou ocas, fantasmas de aparição súbita e efêmera, que serão sucessivamente substituídos por mais fantasmas, como uma imagem sucede a outra, infinitamente, sem nunca levar a algo que não seja também uma imagem. Hans Belting expressa esse processo com lapidar concisão “hoje as imagens convidam os vivos à fuga do corpo (BELTING in BAITELLO, 2014, p.67)

Isso ocorre pensando segundo Baitello (2014) porque as imagens são representações das representações descarnadas de realidade. Isso aliena o corpo a partir das imagens, pois o mito da beleza é validado pela imagem e a imagem é somente reproduções de outras imagens, o que se torna verdade é o padrão que está imposto

diante das imagens, mesmo que essas sejam completamente distanciadas de uma realidade.

“Entrevistada 5: como eu já trabalhei com uma empresa de moda, eu sempre ia nos editoriais e eu sempre convivia com modelos fora da foto.

Entrevistada 1: e como era isso?

Entrevistada 5:[...]as fotos não são reais gente, porque eu já retoquei muita foto, eu já tive que emagrecer uma pessoa assim num nível absurdo, que na hora que eu terminei de emagrecer ela assim na foto.

Entrevistada 3: a pessoa sumiu. Risos.

Entrevistada 5: como é possível, sabe, e é[...] a mais magra ela vai passar por um retoque no photoshop pra emagrecer ela, deixar ela no formato perfeito, e muitas vezes a roupa não serve na modelo, as vezes ela é tão magra que não serve, tem que pegar e puxar a roupa toda atrás e por um milhão de grampos atrás para a roupa ficar no molde do corpo dela.”

A realidade das fotos e os bastidores pouco são pensados fora das imagens, pois estamos tomados por imagens, acreditando que as imagens são a realidade dos corpos e não os corpos são a primeira realidade, como Baitello (2014) aponta o corpo é a fonte de comunicação primaria e “que é o seu primeiro instrumento de vinculação com outros seres humano”. Isso é o que significa “mídia primaria” (Baitello, 2014, p.84). Porém quando as mulheres são colocadas diante do mito, seus corpos são imagens de corpos e imagens de corpos ideais segundo o mesmo, essas mulheres são distanciadas de seus corpos a ponto de não se sentirem pertencentes dele, não há espaço para um corpo real há somente para a imagem:

“Entrevistada 1: enquanto esse corpo for só uma imagem você não vai tomar.”

Uma vez que imagens e corpos pertencem a categorias diferentes, as superfícies e superficialidades não possuem nutrientes necessários para a vida dos corpos. (BAITELLO, 2014, p.75) como pontuado no pensamento de Baitello (2014) o corpo não tem nutrientes para viver quando ele e a imagens são separados, o corpo é negado e só se vive a partir da imagem, como concluiu a participante acima. O corpo é alienado a partir da imagem, essa que vem carregada de regras ditadas pelo mito da beleza, quando a mulher é separada do seu corpo ela vive apenas para a imagem do seu corpo determinado pela cultura masculina.

“Entrevistada 4: [...] você também não pode fazer uma coisa pra você, a gente não vive o corpo, o corpo é só uma imagem, é horrível isso, por isso que a gente é essa alienação”

“Entrevistada 1: Sempre a maldita da imagem antes da gente, antes da nossa vida, é muito grave isso, acho que a gente não para pra pensar no quanto está grave e o quanto isso esta roubando as nossas vidas, é bizarro.”

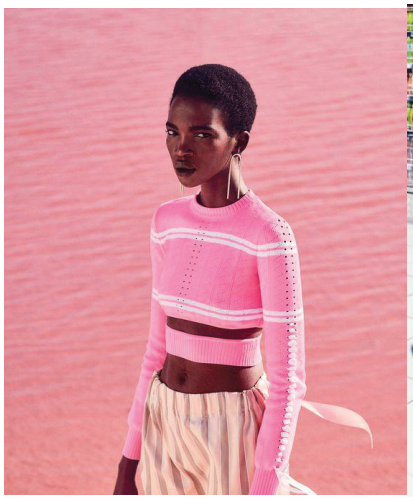
Todo esse processo de alienação dos provém dessas imagens “uma vez transformados em imagens de corpos, são estes que passam a ser devorados, consumidos pelas imagens. Temos aqui o próximo degrau da iconofagia. Nessa etapa, são as imagens que devoram os corpos.” (BAITELLO, 2014, p.75)

Nota-se como a iconofagia encaixa-se na fala da entrevistada, pois segundo ela a imagem está roubando a vida, e a um dos conceitos da iconofagia colocados por Baitello (2014) fala exatamente das imagens que devoram os corpos, e é exatamente isso quando ela diz que a imagem está roubando a vida. A imagem devorou o corpo e o que sobrou são infinitas imagens, imagens do corpo. Isso é sério diante da sociedade que prega o mito da beleza, pois faz com que ele se torne um mandamento inquestionável afinal as mulheres estão imersas nesses paradoxos do corpo, entre o negar seu corpo, mas continuar buscando um corpo ideal. Separadas de seus corpos estão alienadas a imagens do corpo estando muito mais vulneráveis ao mito da beleza.

4.6 As narrativas visuais que o Instagram constrói:

Para contextualizar a fala das meninas, foi apresentado duas sequencias de imagens: uma com fotos de editoriais de revista feminina, outra com fotos de meninas do Instagram.

Imagens de editorias de revista:



Fotos do instagram:

Sobre o consumo de imagens (na internet) Baitello evidencia que:

> Alimentar-se de imagens significa alimentar imagem, conferindo-lhes substancia, emprestando-lhes corpos. Significa entrar dentro delas e transformar-se em personagem (recorde-se aqui a origem da palavra persona como máscara de teatro) Ao contrário de uma apropriação, trata-se aqui de uma expropriação de si mesmo. (BAITELLO, 2014, p.130)

Esse aspecto pode observado, quando, depois de confrontadas com as imagens as entrevistadas comentam que:

“Entrevistada 2: e a barriga assim chapada, aquilo não existe.

Entrevistada 5: até quando ela está numa posição desleixada, elas estão muito bem desleixadas.

Entrevistada 1: cabelo arrumado.

Entrevistada 5: é um desleixado sensual, um desleixado atrativo”

Essas imagens foram apresentadas para fazer um comparativo entre as duas narrativas, apontar se existia alguma diferença entre elas:

“Entrevistada 4: [...] no primeiro bloco as meninas são exageradamente assim você capta bem uma produção, nos dois tem[...] Ela é um produto né, tipo assim, ela realmente é um produto”

Para fazer uma comparação entre esses dois universos de revista e rede social seriam necessários um tempo de pesquisa maior. No presente artigo foca-se na rede social Instagram e qual o seu papel narrativo no mito da beleza.

“Entrevistada 5: é um padrão a ser seguido, é, mas é mais fácil de você ignorar aquele padrão, você e falar: assim, não existe tudo isso, agora você olha as meninas do Instagram, tem uma produção, mas é uma produção disfarçada, parece que está no dia a dia dela.

Entrevistada 2: ela é alguém do nosso mundo né Entrevistada 5: como eu não consigo ser igual.”

O Instagram está muito próximo de todos, afinal telefones moveis são muito acessíveis a todos e as redes sociais não tem fronteiras. Visto como Baitello (2014) coloca que alimentar imagens é dar a elas substancias e corpos, as imagens do Instagram conferem a sensação de proximidade, os personagens feitos de imagens agora se tornam reais, corpos vivos alimentados de imagens.

“Entrevistada 4: as meninas do Instagram estavam todas lá, elas eram muito parecidas com aquilo e o que me preocupou muito, porque quer dizer aquelas meninas não são só Photoshop, elas existem, e esse estilo de vida doentio delas é o estilo que se quer pra todo mundo, pensa, eu tenho amigas que são naturalmente padrão, mas tem amigas que só fazem isso, só vivem para isso, elas só pensam em academia, só pensam em dieta”

As narrativas do Instagram conferem uma sensação de realidade naquelas imagens, essas imagens tornaram-se corpos reais que são alimentados pela imagem:

“Entrevistada 4: do jeito mais perfeito que existe, para pra pensar, porque essas meninas são reais e a vida delas é ir pra academia e fazer dieta, o resto é tudo secundário, não é exatamente isso que o livro fala que é o que quer da gente.”

As narrativas visuais construídas no Instagram aparecem como uma validação desse corpo/imagem, agora a imagem desse corpo é real, não se distingue o que é imagem do corpo e corpo real:

“Entrevistada 4: mas essas meninas elas realmente existem elas não são só photoshop.”

A partir dessas narrativas da rede social Instagram ocorre uma naturalização desse corpo ideal e com esse corpo é naturalizado é como se o mito da beleza fosse o corpo natural das mulheres, e que negar o corpo verdadeiro dessas mulheres é um meio

necessário para alcançar o que segundo o mito é o ideal, esse quando naturalizado agrava mais a situação do corpo negado.

“Entrevistada 1: [...] ai você começa a pensar, puts da para ser padrão assim, porque eu acho que eu devia estar sendo, porque eu não estou sendo? Acho que tem algo de errado comigo, tipo, é, muito pior o estrago que faz você ver uma pessoa real vivendo essa vida, eu acho que é pior.”

A naturalização do corpo ideal é uma das possíveis narrativas que o Instagram constrói. Essa proximidade faz com que as mulheres acreditem que elas precisam o alcançar a todo custo, porque segundo essas narrativas, as pessoas que estão nessas imagens são reais e validam que o corpo ideal segundo o mito existe. Essa narrativa da pessoa comum com o corpo ideal no Instagram faz com que mulheres reais sintam-se na obrigação de conquistar 30 aquele corpo que está sendo colocado diante delas de maneira tão próxima, na tela de seus telefones moveis.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, o presente trabalho pretendia estudar e analisar um paralelo entre as revistas e a rede social Instagram levantando suas diferenças em questões narrativas relativo à obra O Mito da Beleza de Naomi Wolf (1990). No decorrer das leituras algumas perguntas foram sendo levantas a cerca do mito da beleza, a primeira delas era como o mito da beleza conseguia se instaurar de maneira universal para todas as mulheres, isso significaria que existia um corpo ideal segundo o mito. Outra questão era que se existia um corpo universal a partir do mito, o corpo natural do resto de todas as mulheres teria que ser “negado”, o que faria com que elas não conseguissem se aceitar e se amar. Essas premissas precisavam da uma ferramenta para disseminar o mito da beleza, o que no caso seriam as imagens. Então instaurou-se outras questões relativas a imagem e as suas narrativas visuais criadas, usando o Instagram como suporte para a analise, qual seria então as narrativas criadas por ele.

Pensando na imagem viu-se necessário estudar sobre a imagem e qual o peso que ela tem no momento atual. Em meio ao processo de pesquisa encontrou-se o teórico Baitello (2014) e sua obra chamada A Era da Iconofagia, o que mais chamou atenção em sua obra é que para ele o corpo é a mídia primaria e o momento atual de reprodutibilidade de imagens faz com que o corpo material real se distancie seja uma reprodução infinita de imagens, camadas e camadas de imagens sem uma corporeidade real.

Para poder analisar de forma geral e obter dados que respondessem as questões levantadas, a pesquisadora escolheu o método de grupo focal para levantar e qualificar os pensamentos levantados. Após a analise dos áudios transcritos do grupo focal concluiu-se que todos os tópicos levantados na analise são interligados na negação do corpo natural feminino e o Instagram vem como narrativa de um reforço e naturalização

do corpo universal segundo o mito da beleza, de maneira interligada a aparência x o valor da mulher quando essa é somente valorizada pela aparência, não lhe é permitido uma mente e um corpo, apenas um dos dois. Quando seu valor é apenas medido pela beleza essas mulheres precisam alcançar o corpo ideal usufruindo do mercado da beleza, essa busca faz com que algumas dessas mulheres neguem seus corpos naturais e não se sintam mais pertencentes nele, elas acabam por 31 sentirem-se incompletas, quando ela nega seu corpo ela valida uma imagem do mito, já que ele é uma imagem de um ideal de beleza. Com a rapidez que elas podem acessar as imagens e deparar-se com o ideal tão próximo a elas validam a existência desse corpo/imagem e atribuem a ele substancia e o que era apenas uma imagem se torna imagem de um corpo, e uma imagem real, uma naturalização. Sentir-se mal consigo mesma e sentir-se insuficientes agora é torna-se um meio necessário para que elas consigam correr atrás desse corpo, pois afinal ele é uma realidade e na sociedade.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO, J. NORVAL. **A Era da Iconofagia**: Reflexões sobre imagem, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

WOLF, NAOMI. **O Mito da Beleza:** Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

KIND, LUCIANA. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista,** Belo Horizonte (MG), v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

BACKES, DIRCE.; COLOMÉ, JULIANA.; ERDMANN, ROLF.; LUNARDI, VALÉRIA. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. O mundo da Saúde**, São Paulo (SP), p. 438-442, 2011

## **6. ANEXO A** – Aúdios transcritos do grupo focal

Entrevistador: boa noite. *Risos.* Então meninas alguma de vocês já participou de grupo focal na vida? Não, só a E. aqui que participou então me corrija se eu estiver errada ta.

Entrevistada 4. [não compreensível]

Entrevistador: e a r. aqui que é a nossa cientista social. *Risos.* O grupo focal é buscar uma reflexão total de uma questão, porque se eu fosse fazer uma entrevista individual eu ia querer saber a opinião de cada uma de vocês mas como eu quero entender se existe

um padrão de comportamento em alguma coisa se existe questões parecidas ou se vocês acabam chegando a alguma conclusão acho que isso é o mais importante para o que eu quero saber do que eu pesquisar individualmente a opinião de cada um mais fácil para eu levantar dados ...

*Risos* [ não compreensível]

Entrevistador: ta enfim esse é meu tema como narrativas visuais criadas em mídias sociais influenciam na autoimagem corporal feminina é vocês já me conhecem né assim vocês já me ouviram falar né o porque que eu gosto tanto de pensar o corpo e ano passado eu tive um processo mais difícil ainda em relação ao corpo e eu fui buscar fora também para entender questões sociais do corpo né e tentar entender questões do corpo feminino mais do que qualquer coisa eu acho que a gente sente né. *Risos*. Muito mais do que homens assim a gente ta aqui só em mulheres  ta tudo bem né a gente sabe que a gente passa por isso muito mais do que eles e esse é meu posicionamento é um posicionamento feminista um pensamento critico ao corpo não adianta hoje em dia eu já não consigo olhar com inocência para as coisas assim mas estudar esse tipo de coisa é entrar em muitas contradições né porque a gente ... a gente ta dentro de muitos padrões e hora a gente não ta hora a gente se percebe reproduzindo muitos comportamentos em cima desses padrões e eu vou ... eu separei dois blocos de imagens para vocês cada uma contém umas 15 imagens e a gente vai passar por essas imagens e ai depois eu vo ... levantar umas questões a cerca dessas imagens e ai vocês ... vão me dizendo o que vão achando.

*Risos*. [não compreensível]

Entrevistador: [não compreensível] é eu separei em dois blocos mas eu acho que conforme as imagens vão passando elas vão ficando mais autoexplicativas e não vai precisar eu dizer para vocês cada coisa ... o que é cada coisa ... mas a ideia principal não é expor ninguém então assim ...  é só uma questão mesmo pra gente pensar ... não estou aqui culpando pessoas pelas coisas que acontecem é só ... enfim vivem na mesma sociedade que a gente.

*RISOS* [ NÃO COMPREENSIVEL]

Entrevistador: ta vocês querem revisar as fotos? ta tudo bem? Foi na medida certa minha velocidade. *Risos*. [não compreensível] ... Gente eu risquei a cara porque como eu disse a ideia não é expor ninguém.

Entrevistada 6: mas como alguma delas são famosas a gente sabe quem é. *RISOS* ... [não compreensível].

Entrevistador: ... são personalidades da mídia [não compreensível] ... enfim para eu levantar as questões que tenho ... tenho lido um livro chamado o Mito da Beleza que ela fala sobre como instaurou-se ... como o padrão de beleza foi criado na nossa sociedade ele é um mito criado para ser uma forma de controle social das mulheres porque a gente passou pela primeira onda do feminismo segunda onda do feminismo a gente começou a ficar mais e mais independente com mais e mais liberdade [não compreensível] foi pro mercado de trabalho, ingressou nas universidades ... o que para um potencial feminino se a gente é o que maioria da população se agora a gente pode ingressar em universidades pode se especializar ter uma livre competição no mercado de trabalho e a Naomi Wolf aponta que uma das formas de controlar esse boom da mulher ... teria que criar alguma coisa que fosse um controle social um controle cultural ... e nada melhor para controlar do que você dar valor a beleza e transformar a beleza em uma moeda e transformar a beleza em uma forma ... transformar a beleza em uma coisa imutável ... em uma coisa super atemporal universal ... e que todas temos que conquista-la ... tanto que ela tem essa frase do livro dela Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas. ... a gente tem o mercado da dieta do cosmético

Entrevistada 2: o mercado da moda.

Entrevistador: o mercado da moda

[Não compreensível] das cirurgias plásticas.

Entrevistador: ... e se for parar para pensar é uma conversa muito comum ... muito comum a conversa sobre nossa aparência é uma conversa natural a gente sempre vai falar dela e a gente sempre vai falar do controle porque o que você mais escuta é que o

fulano de tal ta precisando perder peso que a mulher x engordou ou que a mulher engordou mas tem um rosto bonito quer dizer que ela pode emagrecer ainda que ela tem salvação umas coisas assim e a gente não escuta que somos desleixadas que a gente não cuida do cabelo direito ... parece que quanto maior o gente substituiu o trabalho doméstico que é um trabalho árduo e efêmero né, a gente foi substituindo por essa luta pela beleza e só se deu outro trabalho que é efêmero que é vago ... a gente ta sempre em busca do que ... é um ciclo vicioso que a gente entra e fica buscando uma coisa ... o que é exatamente a gente não tem certeza a gente sabe que ele existe as pessoas dizem pra gente que ele existe mas a gente não sabe exatamente como ele é e onde ele esta [leitura de trechos do livro] ... não existe uma justificativa na nossa evolução que é somos selecionadas naturalmente pela nossa beleza ... não existe porque vivemos em um mundo gigantesco cheio de gente diferente são inúmeros corpos de mulheres diferentes e o que acho que é mais perverso do mito da beleza é ele transformar essa coisa tão difícil de pegar como se fosse uma coisa fácil ... então a gente sabe que ele é um negocio que paira no ar mas a gente não tem ele de forma bem palpável a gente é sempre condicionada a buscar algo mas a gente nunca sabe exatamente onde isso ta ou o que é ... [ não compreensível] **vocês acreditam que nosso valor hoje é determinado pela nossa aparência?**

*Risos* [ não compreensível]

Entrevistada 1: socialmente sim ... é uma pressão que não acaba hoje você vai e você é lembrada que você tem que se encaixar num certo modelo se você não se encaixa você já vai se sentir mal não interessa onde você esteja

Entrevistada 6: até a forma que a gente é tratada quando chega nos lugares muda assim conforme é ... quanto mais dentro de um padrão você está de beleza mais bem recebida você é mais acolhido você é não só né físico como de cor também ... né dependendo do ambiente ... de certa forma sim nosso valor ainda é determinado pela aparência porque isso vai te[?] quanta facilidade você vai ter pra fazer amigos ou não

[não compreensível]: conseguir emprego.

Mi: é tipo na minha loja as meninas precisavam ser maquiadas ir com o cabelo arrumado ... eu não usava isso. *RISOS*. ... e se você não curtia isso você não era

selecionada ... então no começo eu tive que usar passar batom [não compreensível]. *Risos*.

Entrevistada 5: é já trabalhei em loja e também tinha que ter uma certa estética tinha ... **não importava se eu sabia fazer o serviço ou não** ... importava principalmente em empresa que a mulher tem que lidar diretamente com o publico é como se ela fosse ... como se ela não tivesse lá para fazer o trabalho dela tivesse lá para enfeitar aquela equipe e chamar a atenção pela aparência e não pelo o que ela é capaz de fazer.

Entrevistada 2: e existem lugares que dependendo de como você está vestido eles não te atendem ... não importa se você é um comprador ou não ... eles te julgaram pelo o que você está vestindo e julgaram que você não merece ser atendido.

Entrevistador: é a Naomi Wolf ela fala de uma categoria que chama qualidade da beleza profissional que é exatamente isso ... ela mostra muitos dados de mulheres que são demitidas porque não usam salto ou de mulheres que são obrigadas a usar salto por x tantos de horas ou mulheres que são assediadas no trabalho por não se comportarem de determinada forma e como se isso fosse o pré requisito para nossa contratação que é o cumulo dos absurdos ... ai como que você vai competir em uma cultura masculina sendo que teu valor de qualidade profissional é determinado pelo o que você aparenta.

Entrevistada 4: na agencia de propaganda isso é muito sério porque a gente tem uma estrutura ... os departamentos ... e tem o departamento que a atende o cliente que é o atendimento e assim as meninas tem a mesma formação que todo mundo lá dentro as vezes elas tem pós graduação e tudo mais mas o **detalhe principal é elas serem bonitas** ... e elas são bonitas e são selecionadas dentro de um padrão de beleza quase todas nunca conheci nenhuma atendimento que fosse fora do padrão ... mas olha que engraçado por elas serem bonitas ai as outras meninas de outras áreas ... também ... assim sempre o critério de seleção das meninas essa questão da beleza sempre vai pesar mas isso não pesa tanto quanto no atendimento então as outras meninas são menos padrão tipo eu trabalhava no planejamento e sou bem fora do padrão ... só que as meninas do atendimento são consideradas burras é como se a beleza transformasse a pessoa em uma pessoa burra ... eu conheço atendimentos que se incomodavam muito com isso né ... não era bem isso que elas queriam ... não só o valor delas é determinado pela beleza como esse era o **único valor que elas podiam ter** elas não podiam ter outros valores ... a gente ... que não era esse valor que pesava mais sobre a gente a gente

tinha que ter outros valores ... a gente tinha que mostrar uma competência intelectual uma competência de produtividade e tal porque a gente já não tinha uma beleza lá no alto dos status.*RISOS*. e eu acho engraçado isso que as meninas em que isso pesava elas não podiam ter outros elas não podiam ser reconhecidas por outra coisa e era muito chato isso porque criava um estigma

Entrevistada 5: Acho que provavelmente até se elas mostrassem outro tipo de valores isso incomodaria outras pessoas.

Entrevistada 4: Isso! As pessoas ficam tentando anular isso porque as meninas não eram burras elas eram inteligentes assim algumas meninas elas se acomodavam nesse papel e elas ficavam ... não acho que aceitando ... mas elas meio que assimilavam isso e se apropriavam da ideia de que elas só tinham que ser bonitas mas tinham muitas meninas que se incomodavam e que se esforçavam faziam pós graduação e tudo iam estudar e tinham uma vida intelectual ativa e mesmo assim as pessoas ignoravam elas anulavam.

Entrevistada 2: E isso também é muito reforçado pela mídia porque os filmes nas novelas a loira magricela é sempre a retardada ... sempre a que some primeiro ou que é a malvada que manipula todo mundo e que não tem valor moral algum ou aquela menina que fica com o popular do colégio e também de uma certa forma totalmente assim julgada pelo seu valor sexual né e sempre nesse sentido nunca a loira do filme americano é a intelectual

Entrevistada 4: [não compreensível] a intelectual também é um padrão nos filmes americanos. RISOS. Uma intelectual padrão é uma beleza meio fabricada nesse sentido

Entrevistador: e ai é muito mais fácil você controlar né você só espera que essa menina seja bonita você não vai esperar que ela vai competir por uma vaga de gerencia com um homem sendo que né.

Entrevistada 1 : você neutralizo ela né com a beleza ... ela ta neutralizada, não temos que nos preocupar com essa dai, ela é só bonita.

Entrevistada 4: nossa tocou no ponto porque o que acontece ... porque eles chamam essas meninas e criam esses estigmas pra elas no atendimento porque elas não podem discutir com o cliente e elas assumem essa postura de que elas não podem discutir com

o cliente ai a gente que não tem esse papel a gente discuti com o cliente e eles não deixam a gente ir na reunião. *RISOS*. [ áudio não compreensível] mas é exatamente isso ela não pode competir com um homem.

Entrevistador: e isso também demanda um tempo nosso da nossa vida e como se fosse uma terceira jornada de trabalho se for parar pra pensar existe a primeira e ai hoje em dia as mulheres trabalham e tem filho e ai você tem uma terceira que é o trabalho de estar bonita estar preocupada com a sua aparência né porque é um trabalho árduo de se preocupar com o seu corpo e se for parar pra pensar tem tanto tratamento estético hoje em dia que não tem uma parte do corpo da gente que não possa ser mudado ... é muito absurdo  você vai olhar aqueles cartazes de centro de estética assim mas é lotado de coisa pra você fazer.

Entrevistada 2: o cumulo disso é clareamento de anus ... Risos ... é o ápice do cumulo do mercado da beleza.

Entrevistador: isso existe?

Entrevistada 1: é porque a pele é um pouco mais escura e no pornô a mulher tem a pele rosinha ali

Entrevistada 2: a mulher é toda rosa

Entrevistada 1: é toda rosa.

Risos [áudio não compreensível]

Entrevistada 1: e uma coisa que eu queria te perguntar M mas é que eu observo que quando o homem adota por exemplo o estereótipo de beleza que não é o padrão para o homem ele não é tão estigmatizado como uma mulher toda tatuada por exemplo eu vejo que existe muito mais preconceito com a mulher optar por um visual assim do que um homem que **o homem pode fazer o que quiser com o corpo dele a gente não pode**

Entrevistada 1: não com certeza eu lembro ... você falou já me veio na cabeça a situação assim que eu alugava uma casa na época e eu alugava direto com o proprietário e o proprietário foi falar uns negócios nada a ver comigo sobre o contrato ai era verão e eu tava com uma blusinha assim com o braço a mostra ai ele olhou e eu morava junto com esse meu namorado da época e ele falou assim “ah você é cheia de tatuagem né o alan

deixa você fazer esse monte de tatuagem?"[áudio não compreensível] ... pertencia ao homem mais próximo tipo assim eu não podia ter feito as tatuagens que eu queria e eu falei olha ele não tem que achar nada nada né eu fiz porque eu quis e eu fiquei meio tipo não acredito que eu estou ouvindo isso não sei o que ta acontecendo vai embora da minha casa. *Risos.* Foi horrível e não foi só uma vez isso que aconteceu **você é mulher você já está errada** e se você faz alguma coisa com esse corpo porque você quer [áudio não compreensível]

Entrevistada 6: é porque a mulher ainda tem aquela visão por mais que a gente já está em 2018 modernidade mas ainda tem aquela questão do sagrado assim que não a mulher ela tem que se cuidar se dar o respeito homem não ... agora se a mulher for mãe dai é tipo como assim mãe tatuada desse jeito que tipo de exemplo você vai dar pro seu filho.

Entrevistada 2: como se isso tivesse alguma coisa diretamente ligada a educação ou a competência dela como uma boa mãe.

Entrevistada 1: eu tenho algumas amigas que são mães e tatuadas bastante assim elas escutam bastante absurdos assim sempre me contam.

Entrevistador: e o que eu acho mais engraçado de ouvir tudo isso é porque como repete a situação então você nunca está dentro da norma que precisa estar e eu acho que o que é mais é engraçado que o fato desse padrão ser tão insólito é só pra ele se moldar ao mercado ... porque se há alguns anos era lindo ter cabelo liso de chapinha de repente a gente está vendo uma mudança que da pra ter cabelo cacheado e ai  o mercado fala do cacho perfeito todo mundo fala nossa que máximo o mercado está aceitando todas nós não ele só ta tentando te controlar de novo só ta tentando te dar uma segurada pra que você não aceite totalmente como você é

Entrevistada 6: e tem que ser aquele cacho volumoso ... aham ... colorido tem que ser karol com K se não, não.

Entrevistador: e as vezes ele tem que ser um cacho com babyliss na propaganda que não tem como

Entrevistada 1: e ai não pode nem pegar vento não é [ áudio não compreensível]

Entrevistada 2: não porque teoricamente existe  um não frizz existe um cabelo que não tem frizz dentro de um estúdio de publicidade existe um cabelo que não tem frizz

Entrevistada 1: Nunca vi mas dizem que existe é aquele que você precisa na sua vida se não você é feia

Entrevistador: e é muito genérica né ela diz que a beleza é por sua definição e inerte atemporal e genérica são sempre coisas genéricas que a gente tem que ter e precisa luta e precisa buscar ... é muito cansativo né e agora voltando para a questão que vai além ... que é a extensão e o órgão . *Risos*. Mais sensível nosso é o corpo que ele é o mais pesado hoje em dia na nossa aparência é uma das coisas que mais pesam ta tudo aqui e ela fala  que é permitido as mulheres uma mente ou um corpo não os dois ao mesmo tempo então a gente é constantemente distanciada do nosso corpo e a gente cai sobre aquela questão que ou a mulher é feia ou ela é bonita e se ela é feia ela tem que lutar pra mostrar que ela é inteligente que ela vai além daquilo que é esperado

Entrevistada 6: isso a mulher não pode ser inteligente o objetivo da mulher é ser bonita se ela não é bonita então ela tem que compensar isso então por isso ela é inteligente por isso ela é legal uma pessoa engraçada porque ela tem que compensa a falta de beleza que ela tem porque se não quem que vai querer uma mulher assim

Entrevistada 2:  e é uma coisa tão surreal porque parece que a mulher por si só já não é inteligente então você tem que ser inteligente porque você já nasceu mulher! Já nasceu mulher então agora se esforce um pouco mais tem que trabalhar ai no seu currículo ser um pouco inteligente pelo menos ainda mais se você não cumpre o estereótipo de beleza

Entrevistador: eu acho essa citação dela muito sensacional que ela fala e vai explicando ao longo do livro algumas coisas que viraram culto uma forma nova de religião  como por exemplo cultuar o corpo magro e aquilo que é visto como abominação no caso a gordura corporal e ela coloca que é muito machista porque não é qualquer gordura é a gordura feminina que é um grande problema na nossa sociedade ... no entanto a gordura da mulher é alvo de paixão pública as mulheres sentem culpa pela gordura porque reconhecemos implicitamente sobre o domínio do mito que os nossos corpos não pertencem a nós mas a sociedade a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é uma concessão social exigida pela sociedade . Uma fixação cultural na magreza feminina não é uma obessão com a beleza feminina mas com a obediência

feminina e como a gente fica doente e aprisionada é muito bizarro porque ao mesmo tempo que nosso corpo já não é mais nosso porque ele pertence toda a uma sociedade e o que essa sociedade espera da gente ... porque se a gente tem que conquistar um corpo ele não é nosso ... então assim ele não pertence mais a gente.

Entrevistada 2: e tanto essa coisa da concessão social me lembrou uma coisa que eu vi essa semana que na escola eles fazem a festinha dos aniversariantes do mês e esse negócio da concessão social é tão pesado que as professoras elas iam comer o bolo mas elas já estavam se justificando do corpo e do peso e todo mundo já deve ter presenciado isso uma mulher comendo e se justificando porque não podia comer aquilo e é uma coisa que assim ninguém falou pra ela

Entrevistada 6: se convencendo não hoje pode porque eu não jantei ontem então tudo bem

Entrevistada 2: e não é uma questão de que alguém falou pra ela olha você não pode comer bolo é uma coisa que já está introjetada na cabeça dela por causa desses corpo que a gente ve e na verdade não existem ... gente eu fiquei reparando nas fotos daquelas modelos aquele tamanho de perna não existe aquilo não é real não pode ser se você parar pra analisar proporcionalmente aquilo não existe a perna dela é duas vezes o tamanho do corpo

Entrevistada 3: é photoshop. *Risos*.

Entrevistada 2: e a gente é tão acostumado a ver que acha que existe uma perna daquele tamanho

[áudio não compreensível]

Entrevistador: e a gente também tem ... como a cultura é masculina são mostradas essas mulheres pra gente não é como os homens que tem como modelos grandes pensadores que a gente se espelha na inteligência masculina não tem né hoje em dia que

Entrevistada 2: ta fuçando no passado pra achar alguma coisa

Entrevistador: mas a gente ve ao longo de tantos anos a gente só tem esse tipo de modelo

Entrevistada 1: até a profissão modelo né quantos modelos homens você consegue citar o nome mas agora mulher é tipo uma “renca” são várias porque é uma profissão mais feminina né porque é o padrão que eles querem impor sobre a mulher não sobre o homem

Entrevistador: e é uma profissão de beleza né

Entrevistada 6: isso, de estética né

Entrevistada 2: é uma venda do teu corpo né

Entrevistador: exatamente...é uma profissão que as mulheres tem que querer .... que as mulheres querem ser .... que as mulheres tem que querer ser

Entrevistada 6: você vê é catálogo de maquiagem pra homem?

[risos]

Entrevistada 4: não, isso é até moralmente errado né?

Entrevistada 2: é feio né?

Entrevistada 6: ou quando o homem as vezes passa creme, se cuida assim né, sempre tem a sua sexualidade questionada, é

Entrevistada 4: (não compreensível) é a Inteligência dele que fica questionada, assim

Entrevistador: esse julgamento

Entrevistada 4: eu acho essa coisa (...?) muito complicada assim como isso é tudo muito moral porque eu vejo que eu também tenho uma luta de muitos anos mas ok estamos ai [risos] sobre essa questão do corpo e eu fico vendo que assim as pessoas, quando você se conscientiza de que você não precisa não ter aquele corpo e que isso tudo é uma coisa que ta sendo imposta pra você, não é natural seu porque pelo menos eu demorei um pouco pra entender isso, eu achava por muito tempo que isso tudo era uma questão moral, que eu era errada de ter esse corpo aqui eu era desobediente você sente não é uma coisa falada mas é uma coisa que você sente porque você sente o olhar das pessoas elas olham como se você fosse um monstro e ai mesmo depois de desconstruir muito meu pensamento se eu estou num meio assim como a gente ta aqui todo mundo compartilhando dessa visão ou se eu to no meio de pessoas iguais as vezes na

universidade que tem muita gente padrão ... mas as vezes eu estou conversando com as pessoas mesmo que elas sejam padrão mas se tem uma visão desconstruída eu fico mais confortável ... agora é engraçado porque mesmo eu sabendo de tudo isso se eu estou num meio de pessoas muito padrão eu me sinto mal comigo mesma eu não consigo tipo ainda olha pra elas e achar que são elas que estão erradas é muito difícil porque esse peso moral ele sempre te assombra é como se tipo aquelas pessoas tivessem te olhando e vendo sua fraqueza porque é como se você fosse uma fraca mesmo você sabendo de tudo isso.

Entrevistada 6: ou se você ... ou que você não tivesse o direito de estar naquele lugar naquele espaço ... você não pertence aquilo nossa é tenho pensado muito nisso porque desde adolescente pré adolescente mas principalmente na adolescência essas coisas foram ficando mais marcantes assim ou sempre me senti assim ... parece que era dividido em dois grupos as meninas gordas e as meninas magras das meninas gordas não, ninguém vai chegar perto ... ai dentro do padrão magra ai é os homens classificavam as mulheres entre as bonitas e as feias mas se você sempre era tipo a descartada de cara assim ou quando eu falei dessa questão de amizade né quando tava na pré-adolescência que eu andava com uma amiga ... era minha melhor amiga ela era muito bonita, dentro desse padrão ela é bonita mesmo, mas sempre tive muito mais facilidade de conversar, gosto de conhecer gente, ela era muito mais quieta não gostava, assim, não tinha muita paciência, mas mesmo assim as pessoas queriam muito mais estar com ela... tipo sempre que chegava um... quando conheciam a gente, a atenção principal era dela, assim sem nenhum motivo, assim sem nada, era difícil porque eu pensava: nossa então eu vou ter que ser igual ela para conseguir conversar com alguém pras pessoas me darem atenção, se não eu podia entrar e sair de um lugar e sem nem ser notada assim e é, é difícil a gente ... isso que você falou a gente descontrói isso a gente não se aceita mas as pessoas não entendem isso, não aceitam que você se aceite.

Entrevistada 4: Sim! Porque assim por mais que seja uma vitória pessoal nunca é uma vitória social, assim socialmente você não fez nada você ta muito errada socialmente você é uma loser fraca que inventou uma desculpa pra si mesma pra justificar a sua fraqueza, então é assim, uma luta que você tem que ter, uma força interior muito grande, porque você nunca acha respaldo fora. Eu acho uma das coisas mais difíceis, assim, o meu marido sempre foi magro agora que ele engordou e ai ele tava falando: não a gente também sofre ... [...] ai eu falo pra ele: olha, o mais loser dos homens ainda pode

escolher com qual das mulheres feias ele vai ficar, as que são consideradas feias, a gente nunca tem essa opção, se a gente é considerada feia nem o mais loser dos homens a gente vai poder ficar, é tipo você tem que aceitar o que vier porque você não tem esse direito então não dá pra você saber, porque você ainda tem o direito de escolher [áudio não compreensível]

Entrevistada 6: ve se um homem gordinho anda sem camisa na rua é ok agora você gordinha vai colocar um cropped pra você ver se as pessoas te olham com nossa como você tem coragem.

Entrevistada 4: Sim! você acaba sendo oprimida num nível que você não desenvolve sua sensualidade você não pode desenvolver seu próprio gosto por roupa você não pode escolher seu estilo porque também não tem roupa pra você por um longo tempo até a gente achar o lugar que vende demora muito e é muito duro assim [áudio não compreensível] você não tem muitos direitos e não se fala muito nisso né você coloca as coisas da questão da obesidade como uma questão moral é sempre uma questão de escolha como se realmente fosse dado algum tipo de escolha

Entrevistada 6: não é acessível pra todas as mulheres também

Entrevistador: é como se fosse uma meritocracia nosso corpo né.

Entrevistada 2: não, e é uma coisa esse padrão de beleza é tão surreal porque assim eu sei que eu cumpro estereotipo de beleza, mas as pessoas ficam sempre chocadas quando eu falo pra elas que eu não posso ser modelo porque em uma agência de modelo eu sou a falsa magra, tipo eu não tenho a medida de quadril nem de busto que uma modelo e eu não tenho a perna daquela finura então é um padrão tanto que não existe que mesmo, você estando no padrão, você não atinge ele e é uma coisa tão absurda porque, que nem ela falou, isso é muito real, isso acontece das pessoas virem conversar porque elas acham você bonita só que elas não querem saber nada de você, elas só querem estar perto de você, elas não querem saber quem você é, elas só veem essa coisa, esse estereotipo de beleza, você ser inteligente, você ser burra, você querer conversar, não interessa! Então é uma coisa muito absurda assim, esse estereótipo de beleza, de tanto que ele não existe quando você para pra pensar mesmo.

Entrevistador: vocês já ouviram falar da donzela de ferro? É um instrumento de tortura medieval que as mulheres que por dentro tem pintado o corpo de uma mulher e as mulheres são dentro daquele ... dessa caixa

Entrevistada 1: é tipo um monde né

Entrevistador: é tipo um molde e ele é todo pintado com uma mulher e ou você morre por inanição ou a mulher morria perfurada mas é parece que a beleza ela virou nossa donzela de ferro né nos dias de hoje porque você é a casca que ninguém ta interessado mas você mas você também é aquilo que se você não ta dentro do padrão você vai sofrer você vai se aprisionar na donzela de ferro ela é a nossa grande prisão a beleza ela é nossa grande prisão.

Entrevistada 2: tanto que assim se vocês tiverem oportunidade de ler relatos de modelos assim mas eu li uma vez o relato de uma modelo uma menina que morava ... ela trabalhava em uma agencia que tinha 40 modelos das 40 38 tinha distúrbio alimentar 38 não eram magras naturalmente faziam alguma coisa absurda com a alimentação pra ser daquele jeito então tipo naturalmente isso não existe se 38 precisam ter distúrbio alimentar que já são tipo o escolhido do escolhido né

Entrevistada 1: acho que o mais grave é pensar que, tipo, todos esses transtornos alimentares delas devem ter começado cedo, começa na infância, com sete anos a gente já ouve falar que tem menina com distúrbio alimentar e quem botou na cabeça dessa criança que ela tinha que ser magra, pra começar, isso não veio, ela não nasceu com essa ideia, não existe, é uma coisa que venderam pros pais dela e ela viu na tv. E sei la...tipo ta tudo errado

Entrevistada 4: eu me lembro que a primeira vez que a minha mãe disse, que a pediatra disse que eu tava acima do peso, eu tinha seis pra sete anos e ai eu me lembro de não entender aquilo, não entender o que ela tava falando... como eu devia ser, assim, eu não concordava, eu me achava normal até então, a partir desse dia eu nunca mais me achei normal, mas é assim uma coisa que a criança não percebe por si mesma só percebe quando o adulto fala. [áudio não compreensível]

Entrevistada 2: é uma coisa muito construída né eu convivi muito com criança e já vi menina de 5 anos falando pra mim ai preciso ficar com 38 quilos mas eu to com 40 gente uma criança de 5 anos nem sabe o que são 38 quilos.

Entrevistador: e vocês meninas o que vocês acham.

Entrevistada 3: na verdade eu tava pensando um negocio aqui do quanto é o pensamento assim acabou mudando desde ... eu tava vendo na bíblia que lá antes de Jesus Cristo é os homens eles se atraiam pelas mulheres como elas eram por dentro tipo como elas eram na inteligência no sentimento e naquela época era tipo proibido você usar maquiagem você usar coisas que não mostravam o que você era por fora eles queriam ver o que você era por dentro e dai eu vejo agora quanto isso acabou mudando

Entrevistada 2: é porque tudo vira um valor de mercado eu sentia muito isso quando eu ia quando eu cuidava do meu avo e eu ia com ele em algum lugar como ele é um idoso as pessoas já o ignoram porque já partem do pressuposto que ele não tem valor mais e é muito cruel isso

Entrevistada 6: [áudio não compreensível] a gente tava falando da mídia... e como isso... tem gente que fala: não os padrões tem mudado e tal. Tem? Será? Tem uma flexibilização, mas é assim, tipo, você quer ser gordinha? Pode ser. Mas você tem que ser a engraçada, a descolada, a do cabelo colorido. Você quer ser negra? Pode ser negra mas ai você tem que ter o cabelo super definido super não sei o que porque se não, não, assim.

Entrevistada 2: você tem que cumprir bem aquele estereotipo que foi pré-determinado, que tem tudo a ver com a indústria né? Agora tem as modelos plus size, porque tem a moda, porque tem a calça X que vai afinar a sua perna.

Entrevistada 6: porque daí você pode pagar o dobro do preço numa calça

Entrevistada 4: e as modelos plus não tem celulite eu acho maravilhoso [risos] gente isso é muito irreal

Entrevistador: a gente é privada o tempo inteiro né do nosso corpo

Entrevistada 2: sempre vai ter um mais né? Tipo, você pode ser isso, maaas

Entrevistador: é, exatamente. Você até pode ser uma pessoa natural mas sem estrias, pelo amor de Deus que estrias não é uma coisa muito agradável de se ter

Entrevistada 4: depois eu acho uma coisa, desculpa, só mais uma coisa que eu fique pensando. Eu acho que a gente tem uma flexibilização dos padrões, mas ao mesmo

tempo a gente não mudou as narrativas, então é assim a gente tem talvez uma ampliação dos estereótipos das pessoas. Tipo assim, a antes só podia ter pessoa magra no mundo agora o mercado percebeu que existia um nicho de mercado de pessoas ignoradas que eles podem vender coisas e começaram a vender e hoje há até personagens de novelas que são gordinhas, mas você percebe que nas narrativas, tanto das novelas, quanto nos filmes, quanto do nosso dia a dia, obviamente, nas narrativas, não mudou o papel da gordinha, ela nunca é o personagem principal, ela nunca é a personagem que se da bem, ela nunca é o personagem vista como uma beleza legítima, é mais uma beleza pela expressão de que ela tem, ela nunca pode mostrar essa expressão como bonita ela tem que sempre se expressar de forma estereotipada, caricata, ou seja a narrativa é a mesma, não mudou nada, você só colocou mais ela em evidência, não mudou o que se pensa sobre isso.

Entrevistador: existe um corpo né? Existe um corpo que é o esperado. A gente sempre vai sendo colocadas dentro de donzelas de ferro sabe? Se a gente abre uma, é tipo aquela bonequinha russa, é sempre isso, a gente nunca encontra de verdade ali o negócio, porque assim sempre tem alguma coisa a mais que a gente precisa buscar uma coisa a mais que a gente precisa ta dentro.

Entrevistada 1: acho que a maioria das mulheres que eu conheço, pelos que eu conversei mais profundamente, tem um negócio muito sério causado por isso, que é se olhar no espelho e não ter uma, sei lá... [uma forma] que você reconhece, que você não entende, que você não enxerga, eu tenho isso.  Eu não consigo, de um dia pro outro, eu já não vejo a mesma coisa no espelho, na verdade eu nunca sei o que eu tô vendo. Porque eu não me enxergo de forma clara, e é, e isso, causa um distúrbio meu, sei lá, cerebral na gente, de não conseguir. É tipo de imagem, de não se ver, e eu achei que eu era louca, ou algo assim, mas daí eu converso com as meninas e todas tem isso.

Entrevistada 6: isso, afeta todo mundo né?

Entrevistada 1: exato.

Entrevistada 6: porque antes eu pensava assim, não porque se eu fosse magra, todos os meus problemas assim, de relacionamento iam ser resolvidos, era só eu ser magra, e daí eu escuto pessoas tipo magras, que eu vejo como bonitas, falando a não porque eu também me sinto insegura, e eu fico tipo, como assim? Né?

Entrevistada 2: porque os homens eles compraram demais essa narrativa, é muito difícil você encontrar um homem que ele não espera uma barbie.

[risos]

Entrevistada 6: exato.

Entrevistada  2: é uma mulher surreal assim, que não sua, não tem pelo, não sei não existe né, mas eles compraram demais isso assim. E tem muito a ver também com a nossa assim, acho que com a nossa não alfabetização visual assim as pessoas não conseguem ter um olhar crítico sobre a imagem, eles não conseguem olhar aquela perna, ver o tamanho daquele tronco, e pensar, não isso não pode ser real, ninguém nunca pensa que é manipulado, todo mundo pensa meu Deus, aquela menina é incrível, maravilhosa, ela existe.

Entrevistada 3: a gente perde nossa identidade porque a gente acaba olhando pros outros e você acaba não se conhecendo.

Entrevistada 7: eu tenho um amigo que gosta de mulheres gordas e a mãe dele não aceita isso

Entrevistada 2: meu Deus que absurdo

Entrevistada 7: tipo a mãe dele fora do padrão né não aceita que ele goste de meninas gordas

Entrevistada 1: pra ela é ofensivo

Entrevistada 7: passa as meninas padrão os amigos dele ficam nossa e ele tipo nem olha ele não gosta e ele gosta de meninas gordas e a mãe dele

Entrevistada 4: então [áudio não compreensível]

Entrevistada 7: e tipo desde sempre ele é assim não foi uma coisa que aconteceu de uma hora pra outra sabe é uma coisa dele assim

Entrevistador: vocês chegaram no ponto principal em um dos pontos principais de uma das perguntas sem eu falar foi maravilhoso louvando em pé vocês tocaram em uma questão que é muito forte que eu acho que a gente é tão separado do nosso corpo que a gente não se reconhece mais não tem como você olhar e que sensação bizarra que é essa

de olhar teu reflexo e não saber pra quem que você ta olhando e você pensar isso aqui não é meu e é sempre o pensamento do que você vai alcançar um dia que você precisa alcançar do que as pessoas esperam que você alcance vocês arrasaram

Entrevistada 4: teórico que eu estudo o Flusser fala uma frase que é muito forte pra mim que nem tudo mundo assimila essa frase mas acho que aqui ela faz muito sentido que ele diz assim que essa nossa relação com a mídia com o mercado e tudo mais faz com que ele fala isso do vídeo mas é como se a gente se olhasse no espelho e o que refletisse sobre nós fosse o olhar do outro eu sinto muito isso assim porque as vezes eu olho para uma foto até que não tenho tanto isso com o espelho acho que como eu sou muito introspectiva quando eu to no espelho eu tenho uma relação minha com o espelho por um tempo eu suspendo essa coisa mas quando eu olho a foto é nossa fatal foto pra mim é pior que espelho e eu tenho uma sensação  que já a anos que eu venho percebendo esse meu comportamento e eu não sei o que fazer com ele mas eu já percebo ele há muito tempo que sempre que eu tiro uma foto acabo de tirar uma foto eu olho pra ela e acho horrível eu nunca gosto acho que não tem uma foto minha que eu olho espontaneamente e gosto e eu olho pra aquela foto e é tão horrível que eu olho pra ela com esse peso das pessoas me olhando e é bem ruim e ai passa um tempo passa tipo assim tem que passar um bom tempo tipo um mês pelo menos eu olho pra aquela mesma foto e ai como eu estou mais distante dela não to me olhando naquele momento as vezes eu gosto e as vezes eu me acho bonita a mesma foto e quando eu pego fotos assim de muito anos atrás e meu olhar muda completamente sobre a foto eu falei nossa eu era bonita e eu lembro de eu ter odiado aquela foto e depois olhar de novo madura e pensar qual que era o problema ... eu já tive muito efeito sanfona então eu já emagreci muito e já engordei muito varias vezes e eu me lembro de olhar uma foto e eu tava magra e achar muito gorda e agora ta que eu estou mais gordinha do que eu tava naquela época mas tudo [áudio não compreensível] e eu falo porque eu me achava tão gorda não faz o menor sentido e é muito estranho porque é como se eu fosse mudando de personalidade mudando a perspectiva.

Entrevistada 3: isso afeta muito nosso psicológico lá na igreja a gente tem um grupo que fala sobre isso e eu conheci uma menina que ela sofreu momentos muito difíceis na vida dela ela chegou a entrar em depressão assim e se cortava então foi bem triste então acaba afetando nosso psicológico sabe a gente meio que se perde.

Entrevistada 6: afeta tudo né porque com o nosso psicológico assim a gente entra em relacionamentos abusivos em coisas porque você acha que só isso que você merece assim.

Entrevistada 2: porque é como se os homens estivessem fazendo um favor de estar com você

Entrevistada 6: isso! E com principalmente nessa fase da adolescência que dai a gente ... fala da questão do peso porque é a experiência que eu tive né já não era tipo a mais procurada assim então você se tornava muito dependente daquilo achava que a pessoa fazia um favor e você não tinha coragem de tipo dar um fora assim porque nossa já foi tipo um milagre uma pessoa querer ficar comigo imagina se eu vou dispensar ela agora assim é horrível isso.

Entrevistada 5: você acaba não se sente no direito de cobrar... não cobrar mas tipo né querer que certas coisas de outra pessoa mas você acha que aquela pessoa tem o direito de cobrar de você tudo que ela quiser porque né você não ta correspondendo com a beleza que aquela pessoa merece ela pode te cobrar qualquer coisa ela pode te cobrar você não sair com seus amigos você largar um emprego por causa dela ela pode te cobrar muitas coisas e você falar nossa vo te que fazer isso porque afinal ele está comigo sendo que ele poderia estar com outra.

Entrevistada 2: e é um direito que pertence ao homem porque eu sempre fui uma adolescente meio esquisita porque assim eu não gosto de me maquiar nem tipo não gosto mas as pessoas acham que porque você cumpre o estereotipo de beleza você tem que andar maquiada produzida na moda e de salto ai o seu namorado ele pode pedir coisas pra você mas você não pode pedir nada para o seu namorado.

Entrevistada 1: é bem isso ele pode usar tipo sei la pijama na rua mas você não você tem que sair arrumada pela amor de deus né sua relaxada

Entrevistada 2: você já tem um namorado veja bem

Entrevistada 1: agradeça

Entrevistada 2: porque ser solteiro também é um problema

Entrevistada 1: se você é mulher ser solteira também é um problema

Entrevistada 2: é um problema sério

Entrevistada 4: porque os homens também não estão querendo mais nada com as mulheres né olha que problema isso

Entrevistada 5: nossa ele aceitou me namorar ele não precisa de uma namorada ele pode muito bem viver sozinho agora você precisa de um homem você não pode viver sozinha e ser independente

Entrevistada 1: pra ter um homem você precisa entrar em algum padrão

Entrevistador: porque esse é teu único valor é o que eles esperam de você, você tem que ser bonita é pedir demais uma mulher ser mais do que isso

Entrevistada 2: Aquele negócio que você falou sobre a imagem acho que isso tem muito a ver também com a nossa própria alienação com a imagem porque a gente acha muito que a imagem é real mas a gente nunca vê uma modelo no espelho sabe pra saber como é real a gente acha que as fotos são reais elas não são reais porque a gente ta digamos assim alfabetizados visualmente com esse padrão e a gente quer reproduzir quando olha nossa foto mas o que acontece é que esse padrão não existe

Entrevistada 5: como eu já trabalhei com uma empresa de moda eu sempre ia nos editoriais e eu sempre convivia com modelos fora da foto

Entrevistada 1: e como que era isso?

Entrevistada 5: elas colocam defeito em tudo nelas mesmas assim tudo elas se olham no espelho e arranjam um milhão de defeitos e as fotos não são reais gente porque eu já retoquei muita foto eu já tive que emagrecer uma pessoa assim num nível absurdo que da hora que eu terminei de emagrecer ela assim na foto

Entrevistada 3: a pessoa sumiu.*RISOS.*

Entrevistada 5: como que isso é possível sabe e é ... e existe esse olhar de tipo porque eu trabalhava bastante na parte da contratação das modelos então eu ficava procurando elas no facebook no instagram e mostrava pro gerente comercial pra ele aprovar esse gerente poderia tanto ser homem ou mulher a estilista também e eles simplesmente falavam assim não eu não quero essa porque essa é muito gorda essa não vai vestir essa não tem

numeração e meu eu olhava assim [áudio não compreensível] essa menina parece uma boneca parece que você vai relar nela e vai quebrar mas não era não serve não dava

Entrevistada 3: eu honestamente to procurando até hoje alguém que veste 38 porque eu não conheço

Entrevistada 5: não existe a mais magra ela vai passar por um retoque no photoshop pra emagrecer ela deixar ela no formato perfeito entendeu e muitas vezes a roupa não serve na modelo entendeu as vezes ela é tão magra que não serve que tem que pegar puxar a roupa toda atrás e por um milhão de grampos atrás pra roupa ficar no molde do corpo dela

Entrevistada 1: e ela ta se achando gorda muitas vezes

Entrevistada 5: exatamente! tipo e é pesadíssimo gente o quando acabava assim que a gente não conseguia a modelo que o estilista e o gerente comercial gostaria porque as vezes a gente tinha um como fala ... um orçamento que aquela modelo queria e cobrava porque as vezes era um preço altíssimo então a gente tinha que contratar a que eles não queriam e a menina sofria um bullying terrível tipo assim ela pisava assim você via a cara e todo mundo fazendo assim ai não acredito que chego e dai tipo assim ia vestir a roupa falava a não entra em você não entra! As vezes a roupa tava entrando e faziam de proposito só pra menina se sentir mal entendeu era terrível tanto que eu gostava muito de moda e comecei a trabalhar com moda porque eu gostava eu fiquei seis meses e falei não quero mais nunca mais na minha vida

Entrevistada 2: a gente ta num cumulo que as roupas não são feitas para os corpos

Entrevistador: nada é feito pro nosso corpo né assim

Entrevistada 6: eu fico muito assim quando eu vou em uma loja e vejo o tamanho G e o tamanho G é tipo isso daqui eu fico me sentindo um lixo.

Entrevistada 2: sim mas é um negócio que não existe tipo eu uso GG e 42 e as pessoas ficam abismadas mas é porque essa numeração não existe gente.

Entrevistada 4: eu lembro quando eu comecei a usar plus size eu ficava muito feliz que eu usava P. *Risos*.

Entrevistada 1: como se fosse uma vitória né ai graças a deus

Entrevistador: e a guerra com esse número né

Entrevistada 1: como se um numero definisse seu valor também né

Entrevistador: não é permitido pra gente ter o nosso corpo né não adianta

Entrevistada 1: quanto mais espaço você ocupa mais errada você ta

Entrevistador: e você tem que se enquadrar no 34 da forever 21.

Entrevistada 1: Eu nunca vi uma menina que usasse 34 vestisse nunca vi

Entrevistada 4: mas se você quer saber como os homens veem uma mulher que igual você falou eu também já trabalhei em agencia você entra em uma sala de edição de imagem só tem homem eu trabalhava em uma agencia que tinha seis homens e uma menina tratando as imagens em uma época tinha uma depois não tinha nenhuma gente as coisas que eles falam é horrível tipo eles veem a mulher muito como uma coisa é uma coisa absurda e ai você vê que tipo assim ... você tem valor essa primeira pergunta pra mim ficou muito na minha cabeça se você tem valor porque você é bonita mas esse valor não é humano ele não tem a ver com o ser humano ele tem a ver com na verdade dos caras mesmo é totalmente um jogo

Entrevistada 2: tanto que muito dos relacionamentos abusivos que eu conheço que a menina cumpre um estereotipo de beleza ela vive uma total anulação da personalidade dela porque o homem ele já parte do pressuposto que se ela é bonita ela não tem personalidade ela não vai se manifestar na sua personalidade

Entrevistada 1: é verdade

Entrevistada 2: eu vejo muitas meninas que são completamente nulas de personalidade de posicionamento por causa do namorado todas e isso atinge todas essas camadas dessas mulheres tipo a minha mãe tem cinquenta anos e ela optou por não pintar o cabelo ela e todo mundo na família inclusive as mulheres falam pra ela pintar o cabelo para ela parecer mais jovem gente ela tem 50 anos entendeu é uma ilusão de que você vai pintar o seu cabelo e vai rejuvenescer.

Entrevistada 1: A B. que vocês conheceram ela tem cabelo branco já desde criança ai ela cortou franjinha ai aparece mais os brancos ela falou cara eu não aguento mais os comentários faz duas semanas que eu cortei franjinha eu vou pintar o cabelo eu não

aguento mais os comentários é todo mundo o mais você já tem cabelo branco a mas você não vai pintar a mas ta bem aparente esses cabelos brancos tipo faz duas semanas que ela cortou franja e não aguenta mais sabe mais tipo o bullying.

Entrevistada 6: sim e todo mundo fala como se você não soubesse que você tem. *RISOS*.

Entrevistada 2: Como se não fosse a coisa mais natural do planeta cabelo branquear né.

[áudio não compreensível]

Entrevistada 7: é tipo eu que não tiro meu bigode porque eu não tenho problema nenhum com o meu bigode qual o problema fica com o meu bigode ele não ta aparecendo não me incomoda de tanto as pessoas falarem do meu bigode que no dia do casamento da minha prima eu fui lá e tirei porque tava me enchendo o saco entendeu

Risos

[áudio não compreensível]

Entrevistador: é vocês falaram muito e tudo e só pra gente fechar essa questão do corpo e eu acho que vocês na verdade ... tipo ... minha pergunta é possível amar sem pertencer né você ama como que você ama e aceita um corpo que não é teu né eu acho que vocês foram bem pontuais em relação a isso porque ... dessa questão moral e dai como que você aceita um corpo que não é teu né vocês acham que é possível amar sem pertencer

Entrevistada 5: não, é bem difícil e eu digo isso e talvez não é especificamente uma questão da beleza mas entra na questão da beleza porque tipo eu posso não estar dentro dos padrões mas eu ainda me enquadro em alguns padrões e de alguma forma eu sofri alguns abusos não acho que é porque eu me enquadro em alguns padrões acho que é por machismo puro independente né abuso não se sofre pelo o que você veste ou pelo o que você é simplesmente um relação de poder mas é essa relação de poder que o homem quer ter sobre o corpo da mulher de tipo como você não quer transar comigo entendeu e eu to querendo transar com você como é possível você não ta com vontade de transar comigo você vai transar comigo sim e eu vou transar com você independente de você querer ou não você quer sim você só ta fingindo que não ou você não sabe o que você quer e eu vou fazer isso por nós dois e depois que isso acontece a minha relação com o meu corpo piorou muito tipo já era muito difícil eu me amar porque eu perto das minhas amigas que eu andava assim eu era a estranha a que me vestia estranho e que era

diferente que era baixinha que o cabelo não era liso que né agora que eu tenho um pouco mais de corpo mas eu era extremamente magrela então tipo quando você ta na puberdade você ser extremamente magrela não é algo atrativo porque você não tem peito porque você não tem bunda e os meninos querem saber o que é peito os meninos querem saber o que é bunda então isso na pré adolescência não faz muito sentido e então pra mim sempre foi muito difícil assim me aceitar e muitas vezes assim eu chorava pra sair de casa eu deixava de sair de casa né e me enfiava assim e depois que eu passei por essas situações de abuso fico muito pior ainda porque meu corpo não era mais meu alguém usou o meu corpo sem autorização não me pertencia mais eu não me sentia mais no meu corpo eu me relava e seu sentia que aquilo ... eu queria trocar poder arrancar toda a minha pele e vestir outra pele entendeu não era meu mais eu me olhava assim no espelho e me apavorava de ver o que eu via porque eu sabia que alguém tinha relado ali sem a minha autorização e se tornou insuportável assim eu gostar de mim mesma eu sempre tava buscando alguém pra gostar de mim porque eu era incapaz de gostar de mim então eu precisava que alguém gostasse de mim e tivesse interesse por mim pra eu falar assim nossa alguém tem interesse por mim então acho que não deve ser tão ruim assim e eu acabava me envolvendo em situações de risco em situações abusivas as vezes péssimas assim na hora da euforia de alguém estar se interessando por mim eu achava aquilo incrível mas assim que acabava aquilo eu ficava porque eu fiz isso porque que eu acabei nessa situação como eu acabei nessa situação [áudio não compreensível] parecia que depois disso eu passava por mais situações que só foi piorando piorando a ponto de eu ter que fazer um tratamento psicológico porque é impossível é impossível se amar sem se sentir no seu próprio corpo sem você saber que aquilo é seu não pertence a mais ninguém só vai pertencer a alguém se você deixar e não importa não é outra pessoa demonstrar interesse pra você gostar de você é você com você mesma é muito difícil você com você mesma gostar do seu corpo com todas essas situações de machismo que a gente tem que lidar

Entrevistada 1: o mais bizarro que ela fala isso e parece que ela ta contando a minha história só que a gente nem se conhece direito sei la a gente se conheceu ontem e é sempre a mesma história cara é sempre a mesma história tipo a gente não sente que se pertence algo foi tirado da gente

Entrevistada 4: eu ia falar também que a gente ... é o tempo todo desde muito pequenas a se ver como uma imagem a gente não está no corpo de outras formas a gente não faz

coisas com o corpo que são prazerosas pra gente que a gente gosta tipo dançar é uma coisa assim que só pode dançar pro outro você nunca pode dançar pra você pra sentir o que é aquela dança em você.

Entrevistada 1: esporte você tem que estar dentro de algum padrão

Entrevistada 4: é uma performance ... você  também não pode fazer uma coisa pra você tipo a gente não vive o corpo o corpo é só uma imagem é horrível isso por isso que a gente  que é essa alienação.

Entrevistada 1: Até quando ta trabalhando o corpo digamos sei la fazendo uma academia mas você não ta fazendo aquilo pra entrar em contato com o seu corpo você ta fazendo aquilo pra obter uma imagem pra ser aceita então é muito distante

Entrevistada 2:  e quando a gente começa a se pertencer assim isso dai né como você está desobedecendo o padrão isso começa meio gerar um incomodo gente que se pertence também é preocupante.

Entrevistada 6: ah ela se acha nossa como que pode né uma pessoa assim acha que é bonita e que [áudio não compreensível]

Entrevistada 4: ou é aquela velha frase você não vai virar aquelas meninas que né não rapa a perna que come um sanduiche e toma um milk-shake

Entrevistador: mas é uma coisa que eu pensava muito antes de estudar o mito da beleza porque eu sempre via muito as pessoas falarem sobre se aceitar e tal e eu pensava mas como que eu vou me aceitar se eu não consigo pertencer se eu olho isso e não vejo nada e fiquei pensando muito nessa questão e depois que eu fui lendo e vendo que realmente não é pra ser nosso o corpo eu acho impossível assim amar sem pertencer ... se você aceitar sem tomar pra você

Entrevistada 1: enquanto esse corpo for só uma imagem você não vai toma

Entrevistada 4: pra mim a melhor frase que já li de todos os tempos foi [áudio não compreensível] que é a ideia de um livro que fala que feio é sem expressão porque se a gente for parar pra pensar a beleza padrão não tem expressão e dai o livro inverte a lógica bonito é o que tem expressão e a gente não pode se expressar é engraçado né como se a gente não pudesse se ver bonita a gente só tem que refletir um beleza mas a

gente não pode se ver bonita porque eu acho que a forma da gente se ver bonita é reconhecer nossas expressões de alguma forma pra mim aquele clipe do Francisco el hombre é muito uma imagem quando você vê as meninas ... porque é legal porque elas são exatamente o padrão oposto elas são negras mais gordinhas mas elas dançando não tem como você não ver beleza naquilo por mais que seja totalmente fora do padrão é impossível não ter uma experiência estética com aquilo e não achar elas lindas só uma pessoa muito insensível mas a gente não pode fazer aquilo a gente não tem espaço pra fazer isso [áudio não compreensível]

Entrevistador: agora que a gente construiu toda uma linha aqui que eu amei inclusive ... pensando em todas aquelas fotos vocês acham que é possível identificar um padrão naquelas fotos? Vocês acham que ele é muito visível? Que tipo ta na cara e vocês conseguem me dizer algumas coisas que são bem ... que é mais visível desse padrão que ta mais na cara?

Entrevistada 3: alto e magro

Entrevistada 4: eu fiquei pensando muito uma coisa.

Entrevistada 5: e branca

Entrevistada 4: e mulheres que não tem apetite porque outra coisa que incomoda muito é mulher com apetite né não só de comida mas apetite pelas coisas.

Entrevistada 2: gente uma coisa que me gravou muito é aquela mulher sentada no mercado e vocês lembram

Entrevistada 1: nossa é

Entrevista 2: ela tava totalmente deprimida sentada no mercado tipo po fiquei triste por ela

Entrevistada 3: quem fica triste no mercado

RISOS

Entrevistador: é tipo tudo bem você estar ali no mercado mas não goste do lugar que você ta porque ele não é seu

Entrevistada 2: e a barriga assim chapada aquilo não existe

Entrevistada 5: até quando ela ta numa posição desleixada elas estão muito bem desleixadas

Entrevistada 1: cabelo arrumado

Entrevistada 2: pescoço finíssimo

Entrevistada 5: é um desleixado sensual um desleixado atrativo

Entrevistada 1: e a pele né o brilho da pele

Entrevistada 5: e esse e eu ia falar também que hoje em dia até o alternativo tem padrão

Todas: Sim

Entrevistada 5: até quando você não se encaixa no padrão você tem que ter aquele outro padrão tem que ser muito descolada tem que ser muito diferente tudo assim você não pode ser desleixada você não pode ser você, você tem que incorporar ali uma autoimagem de que você quer passar

Entrevistada 1: é tipo assim tem a tatuada mas ai é a tatuada peituda com a barriga chapada fumando na sacada que nem aquele mas ai o cabelo colorido é perfeito.

Entrevistada 5: você não é uma patricinha ai você pode ser uma menina que anda de skate mas não pode ser a que anda toda ralada suada descabelada não tem que ta ali toda tatuada com um shortinho magra linda com o cabelo brilhoso esvoaçante enquanto você anda com seu skate

Entrevistada 1: ou seja não pode andar de skate porque você não vai ter essa aparência

Entrevistador: aquilo que a gente tinha falado "não se trata de as identidades das mulheres serem fracas por natureza a imagem ideal adquiriu importância obsessiva para as mulheres porque esse é o seu objetivo. As mulheres não passam de beldades na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina." Por isso que a gente é tão ... a foto né a imagem ela tão forte essa narrativa é tão forte tão pesada pra gente

Entrevistada 1: isso que as meninas falaram é muito emblemático porque até quando a mulher se insere em meios tradicionalmente masculinos tipo o skate ou bicicleta coisas

assim ela tem que seguir um certo padrão também né porque veja bem ela já está adentrando num eixo que é propriedade dos homens então

Entrevistador: pelo menos siga as regras né faça o que é esperado de você

Entrevistada 5: e tem que entender das coisas não vem aqui ser descolada e não saber nada disso

Entrevistada 1: você tem que saber como abre desmonta saber o nome de todas as peças

Entrevistador: e vocês eu mostrei todas aqueles dois blocos de imagens só explicando um deles são editoriais de revista que eu peguei na internet é o outro são fotos de meninas do instagram e vocês consomem mais instagram ou mais revistas assim?

Todas: instagram

Entrevistador: instagram né eu imaginei hoje em dia né

Entrevistada 4: mas pra falar bem a verdade pra você [áudio não compreensível]

Entrevistador: você achou tudo igual?

Entrevistada 4: eu fico num site que é meio hibrido que é o pinterest

Entrevistada 5: o pinterest acaba sendo um mix de foto do instagram e de revista né

Entrevistada 5: é por isso ele é um hibrido né. Risos;

Entrevistador: então você achou que aquelas imagens são um hibrido você não viu diferença entre elas? Entre aqueles dois blocos de imagem

Entrevistada 4: a não, vi claro

Entrevistada 2: de estereótipo de beleza você diz?

Entrevistador: eu digo diferença, você viu alguma diferença nos dois blocos que foram apresentados

Entrevistador 4: a eu vejo porque no primeiro bloco as meninas são exageradamente assim você capta bem uma produção nos dois tem

Entrevistada 5: os dois tem uma produção

Entrevistada 3: no segundo bloco ele praticamente são as blogueirinhas da atualidade e das revistas não são modelos famosas super

Entrevistada 5: eu acho o segundo bloco pior porque o segundo bloco é o que o primeiro bloco é umas meninas que você é escrachado que tem produção é completamente escrachado você ve ali a iluminação a maquiagem uma roupa um estúdio toda uma equipe pra fazer aquela foto

Entrevistada 4: ela é um produto né é tipo assim ela realmente é um produto

Entrevistada 5: é um padrão a ser seguido é mais fácil de você ignorar aquele padrão você olhar e falar assim é não existe tudo isso agora você olha as meninas do instagram tem uma produção mas é uma produção disfarçada parece que ela ta no dia a dia e você fala como é que eu não consigo alcançar isso ela ta no dia a dia dela

Entrevistada 2: ela é alguém do nosso mundo né

Entrevistada 5: como eu não consigo ser igual

Entrevistada 4: gente mas uma vez um amigo meu me arrastou pra aquela balada + 55

Risos

Entrevistada 4: e eu odiei diga-se de passagem mas foi uma experiência antropológica porque as meninas do instagram estavam todas la elas eram muito parecidas com aquilo e o que me preocupou muito porque quer dizer que aquelas meninas não são só photoshop elas existem e esse estilo de vida doentio delas é o estilo que se quer pra todo mundo porque pensa eu tenho amigas que são naturalmente padrão mas tem amigas que só fazem isso e só vivem para isso elas só pensam na academia só pensam na dieta

Entrevistada 5: você só faz isso se tem dinheiro né gente porque eu tenho boleto pra pagar

Entrevistada 4: é também acho que é uma questão de classe acho que fortíssimo ainda mais que existe um recorte de classe mas assim as meninas tanto é que quando a MV disse em relação as modelos sim mas essas meninas realmente existem elas não são só photoshop

Entrevistador: é que eu penso muito nessa narrativa da naturalidade que existe para essas mulheres do instagram porque hoje em dia antigamente a revista feminina ela era nosso grande veiculo pro mundo e da cultura de massa da mulher mas hoje em dia você sabe que é um editorial de moda você olha e fala a é um editorial de moda ok tudo bem a menina estar com uma cara triste com um tutu gigante no mercado ta tudo bem você sabe que é um editorial agora quando você ve uma menina do instagram e aparentemente essas meninas estão sempre na academia o que eu acho incrível eu entrei nesse limbo

Entrevistada 4: mas elas estão mesmo

Entrevistador: dessas meninas do instagram e eu ficava pensado nossa minha vida ... e isso fica parecendo muito real e a gente tem essa sensação de proximidade no instagram e a velocidade das mídias sociais e a gente acha que tudo é muito verdade que elas estão fazendo é muito verdade ... que a gente precisa conquistar e as vezes eu fico pensando se o mito não ta se configurando de um jeito desse jeito

Entrevistada 4: não, e do jeito mais perfeito que existe para pra pensar porque essas meninas são reais e a vida delas é ir pra academia e fazer dieta o resto é tudo secundário não é exatamente isso que o livro fala que é o que quer da gente

Entrevistada 5: mas você já percebeu que se elas tem um trabalho é um trabalho muito descolado

Entrevistada 4: Sim

[áudio não compreensível]

Entrevistada 5: é um trabalho muito divertido

Entrevistada 1: e que da muito tempo pra elas passarem mais tempo na academia e ai você começa a pensar puts da pra ser padrão assim porque eu acho que eu devia ta sendo porque que eu não estou sendo acho que tem algo de errado comigo tipo é muito pior o estrago que faz você ver uma pessoa real vivendo essa vida eu acho que é pior

Entrevistada 2: e quando essas mulheres viram mães isso fica tão pesado e emblemático né

Entrevistada 5: mas elas viram mãe blogueira né

Entrevistada 2: gente eu vi uma barriga de gravida tanquinho fiquei chocada

Entrevistada 7: eu vi também é horrível

Entrevistada 4: não é horrível mas é muito estranho

Entrevistador: e vocês acham que esse tipo de imagem que é colocada tão fácil pra gente reforçam isso?

Entrevistada 2: eu já parei de seguir menina super barbie no instagram

Entrevistador: eu comecei a fuçar no instagram dessas meninas e a lupinha que fica só virou isso.

Entrevistada 3: no meu também, aparece coisa de viagem que eu gosto de yoga também ai aparece essas meninas "tunadas" fazendo yoga com umas pernonas assim

Entrevistada 4: eu tenho uma raiva disso

Entrevistada 1: pode ser só uma pessoa normal fazendo yoga

Entrevistada 4: e ai você cria uma ideia de que você tem que ser assim pra fazer yoga antes eu não fazia porque eu tinha a ideia de que tinha que ter aquele corpo pra fazer yoga e depois que comecei a fazer percebi que não tem nada a ver.

Entrevistada 1: exatamente você não fazia antes porque achava que tinha que ter a imagem, sempre a maldita da imagem antes da gente antes da nossa vida é muito grave isso acho que a gente não para pra pensar o quanto ta grave e o quanto isso ta roubando as nossas vidas é bizarro.

Entrevistada 4: [áudio não compreensível] uma frase que ele diz assim a gente hoje vive na imagem a gente consome mais imagem do que consome vida ai ele falou assim qual o problema da gente ficar o fim de semana inteiro assistindo netflix todo o nosso tempo livre vendo facebook e vendo o instagram o problema é só que essas imagens tão consumindo a gente e não a gente ta consumindo elas.

Entrevistador: peguei essa frase do livro que eu acho muito boa que é "os homens são expostos a modelos de moda masculina mas não os consideram figuras-modelo porque as mulheres reagem tão intensamente a realmente nada -imagens recortes de papel- será sua imagem tão fraca assim? Por que elas acham que devem tratar modelos, manequins

como se fossem modelos paradigmas, por que as mulheres reagem ao ideal como qualquer forma que esse ideal assuma se tratar de um mandamento inquestionável?”

Entrevistada 4: nossa! Fortíssimo

Entrevistador: vocês acham que segundo tudo que a gente conversou é palpável esse padrão? Acham que é uma coisa possível?

Entrevistada 4: temos a MV aqui nesse momento pra dizer pra gente que não é.

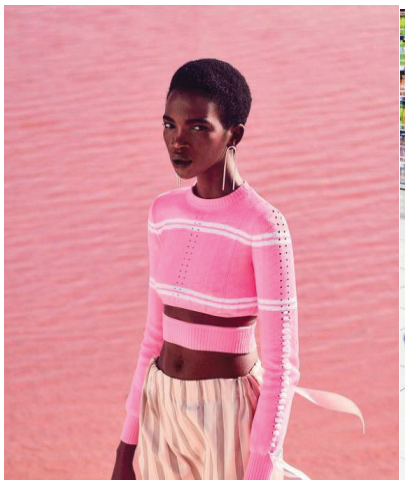
RISOS.

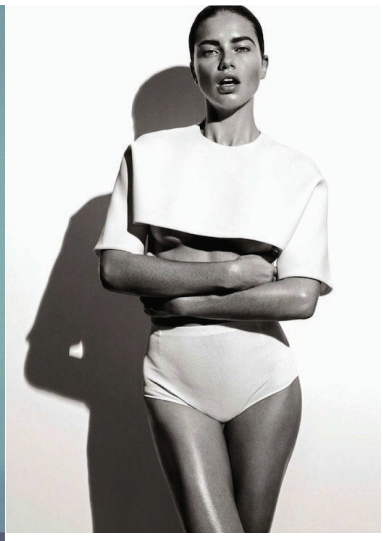
Entrevistada 2: e assim essas meninas do instagram elas são reais mas isso é uma opção ou você vive pro padrão ou você vive a sua vida tipo assim claro que se eu perdesse 8 quilos eu poderia ser a menina do instagram mas eu prefiro fazer outras coisas

Entrevistada 3: ser feliz ou ser a menina do instagram

**7. ANEXO B** – Imagens apresentadas no grupo focal

Editorais de revista – retirados do google imagens





Fotos do *Instagram*

NIRVANA